

Keyla Morales de Lima Garcia

Identidade rural e conflitos do campo na obra

Apesar do amor,

de Marli Walker, e nos cordéis
de Luzimar Medeiros Braga



UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

EDITORIA
UNEMAT

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

G216i

Identidade rural e conflitos do campo na obra *Apesar do amor*, de Marli Walker, e nos cordéis de Luzimar Medeiros Braga / Keyla Morales de Lima Garcia. – Cáceres: Editora UNEMAT, 2024. 161 p.

ISBN: 978-85-7911-267-6

DOI: 10.30681/978-85-7911-267-6

1. Literatura. 2. Literatura de cordel. 3. Campesinato. I. Identidade rural e conflitos do campo. II. Keyla Morales de Lima Garcia.

CDU 323.11:39

Keyla Morales de Lima Garcia

**IDENTIDADE RURAL E CONFLITOS
DO CAMPO NA OBRA APESAR
DO AMOR, DE MARLI WALKER,
E NOS CORDÉIS DE LUZIMAR
MEDEIROS BRAGA**



Cáceres - MT

2024

CONSELHO EDITORIAL

Portaria nº 1629/2023

PRESIDENTE

Maristela Cury Sarian

TITULARES

Josemir Almeida Barros

Universidade Federal de Rondônia - Unir

Lais Braga Caneppele

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Fabrcio Schwanz da Silva

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Gustavo Rodrigues Canale

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Greciely Cristina da Costa

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Edson Pereira Barbosa

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Rodolfo Benedito Zattar da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Cácia Régia de Paula

Universidade Federal de Jataí - UFJ

Nilce Vieira Campos Ferreira

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Marcos Antonio de Menezes

Universidade Federal de Jataí - UFJ

Flávio Bezerra Barros

Universidade Federal do Pará - UFPA

Luanna Tomaz de Souza

Universidade Federal do Pará - UFPA

SUPLENTE

Judite de Azevedo do Carmo

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Rose Kelly dos Santos Martinez Fernandes

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Maria Aparecida Pereira Pierangeli

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Célia Regina Araújo Soares

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Nilce Maria da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Rebeca Caitano Moreira

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Jussara de Araújo Gonçalves

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Patrícia Santos de Oliveira

Universidade Federal de Viçosa - UFV

PRODUÇÃO EDITORIAL
EDITORA UNEMAT 2024

Copyright © Keyla Morales de Lima Garcia, 2024.

A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Esta obra foi submetida à avaliação
e revisada por pares.

Reitora: Vera Lucia da Rocha Maquêa

Vice-reitor: Alexandre Gonçalves Porto

Assessora de Gestão da Editora e das Bibliotecas: Maristela Cury Sarian

Imagens da capa: Freepik IA

Capa: Potira Manoela de Moraes

Diagramação: Potira Manoela de Moraes

Revisão: Geiza Gimenes Saraiva

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado


EDITORA
UNEMAT

EDITORA UNEMAT

Av. Tancredo Neves, 1095, Cavalhada III
Cáceres - MT | CEP 78217-900
Fone: (65) 3221-0023
editora@unemat.br | www.unemat.br


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

 **PPGLetras**

*Há virtude e ética na poesia.
Todos os tempos foram tempos de indigência,
mas também de poesia.
Resistir ao empobrecimento da linguagem.
Resistir ao empobrecimento da experiência num mundo
hiper-representado, esgotado, talvez estéril, o nosso.
Resistir é uma tarefa inacabada de todos os tempos.*

(Luís Quintais)

*A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos.
Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante;
resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso.
Resiste aferrando-se à memória viva do passado;
e resiste imaginando uma nova ordem que
se recorta no horizonte da utopia.*

(Alfredo Bosi)

À minha família
Aos camponeses

AGRADECIMENTOS

Nesse momento especial
Agradeço com alegria
Concluir esse mestrado
Era o que eu tanto queria
Me envolver na literatura
Com cordel e com Poesia

A toda etapa que passei
Aprendendo com prazer
A cada novo aprendizado
Alguns difíceis, vou dizer
Um a um que me ajudou
Quero muito agradecer

À nossa turma tão legal
Que com muita amizade
Ajudando uns aos outros
Sempre com cumplicidade
Uma turma amiga online
Pura amorosidade

Um obrigada especial
Ao meu orientador
Querido professor Henrique
Um excelente educador
Me ajudou em cada passo
Sempre ótimo ajudador

A essa banca tão atenta
Gratidão quero mostrar
Pela leitura cuidadosa
Pela disposição em ajudar
Uma escrita coletiva
É o aprender e socializar

Quero também Jesuíno
Dizer que és um amigo
Me ajudou desde o início
Sempre se importou comigo
Me apoiando pelo zap
Quando disse: “não consigo...”

Um coordenador atento
Organizado e competente
Parabéns a toda equipe
Que cuidou tão bem da gente
É uma instituição exemplar
PPG Letras é diferente
Obrigada à Unemat
Que tanto nos ensinou
Às disciplinas do mestrado
Cada uma me encantou
Sou grata a cada professor
Que sempre nos motivou

Agradeço imensamente
Ao trabalho e organização
A mim mesma pelo esforço
Coragem e dedicação
Por acreditar e realizar
Os desejos do meu coração

Agradeço à minha família
Pelo constante carinho
Ao pai e a mãe pelo amor
Pelo apoio e os beijinhos
Ao Abraão e às minhas filhas
E ao Kleber irmãozinho

Ainda tem uma pessoa
Que é muito especial
Melissa filha e amiga
Seu amor é fundamental
Sempre pronta a ajudar
Não há mesmo outra igual

Às minhas amigas queridas
Sempre me incentivando
Emy, Bia e Márcia Helena
A todo instante apoiando
Vamos fazer uma festa!
Agora terei tempo sobrando!

Teve ainda tanta gente
Que não dá nem para falar
Me ajudaram no começo
E durante todo o caminhar
Têm meu reconhecimento
Demonstraram como amar

A Deus principalmente
Pela vida: a gratidão
Grata ao conhecimento
Que traz essa dissertação
Marli Walker e Luzimar
Obrigada pela inspiração

SUMÁRIO

Apresentação.....	13
--------------------------	-----------

Capítulo 1

Campo de identidade: trabalhadores rurais no Brasil ontem e hoje	20
1.1. Identidade, memória e pós-modernidade.....	33
1.2. Os trabalhadores rurais brasileiros na contemporaneidade	47

Capítulo 2

Marli Walker: vida e obra.....	56
2.1. A poesia de Marli Walker: um olhar crítico sobre a realidade	61
2.2. O menino como metáfora da agricultura familiar	74
2.3. A “poesia resistência” em <i>Apesar do amor</i>	83

Capítulo 3

Luzimar Bezerra Braga: vida e obra em Cordel	95
3.1. Uma parte da história da literatura de cordel de suas potencialidades	102
3.2. Realidade do campo nos cordéis de Luzimar Medeiros Braga	114

3.3. Cordel como forma de resistência: a vida no campo ainda é a esperança	127
---	-----

Capítulo 4

Walker e Medeiros: relações campesinas	135
Referências.....	150
Sobre a autora	161

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, originalmente uma dissertação de mestrado, foi elaborado no âmbito do Programa de pós graduação em Letras (PPG Letras) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), na Área de Concentração Estudos Linguísticos e Literários, Linha de Pesquisa Estudos Literários sob a Orientação do prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves. Busca compreender a representação do camponês e os conflitos do campo nos poemas da obra Apesar do amor de Marli Walker e nos cordéis de Luzimar Medeiros Braga, refletindo, também, sobre a identidade e os aspectos que interferem na sua formação. A literatura tem um papel importante na sociedade, pois faz refletir sobre a condição humana e o funcionamento da sociedade e suas contradições.

Sou agricultora familiar, cordelista, professora do campo e moradora do Assentamento Wesley Manoel dos Santos, no município de Sinop, Estado do Mato Grosso, e descendente de camponeses. Morei e trabalhei na cidade até os meus vinte e três anos, cinco anos após me casar, quando conseguimos adquirir nosso pedaço de terra e nos mudamos (eu e meu esposo) para a Gleba Mercedes V, como é conhecido o assentamento (distante quase 100 km do centro de Sinop), mesmo sem as condições adequadas (sem luz elétrica, estradas de difícil acesso, transporte precário), mas com

coragem, objetivos, determinação e uma bebezinha de três anos. Acreditávamos que a vida no campo seria melhor para constituir nossa família.

Realmente, conquistamos nosso espaço e nosso lar, pois já estamos no campo há dezoito anos. Criamos nossas três filhas ali e a maior parte da nossa renda é proveniente do sítio. Acredito, comprovadamente por minha experiência, que a vida camponesa é melhor que a urbana. Mas, como moradora, educadora e pesquisadora do campo, percebo as inúmeras dificuldades vivenciadas pelos povos camponeses, por isso o objetivo de fazer esta dissertação: trazer à tona a realidade campesina, o que considero uma missão de grande valia, pois acredito que, se mudanças para melhor podem acontecer, são por meio da troca de experiência, dos diálogos, do conhecimento, da união e da conscientização.

Na literatura, o jogo proposto pelo texto artístico pode suscitar sentidos e significados diferentes daquilo que é posto pela palavra cotidiana. Neste trabalho, foram analisados o livro *Apesar do amor*, de Marli Walker, que aborda os problemas agrários com um olhar poético; e os cordéis intitulados *O Cordel da Reforma Agrária* e *A origem das riquezas*, de Luzimar Medeiros Braga. Esse cordelista, com uma visão crítica, denuncia os problemas sociais que permeiam a realidade camponesa e sua luta diária pela permanência na terra, levando em conta que os cordéis estão inseridos ainda em um contexto político e acadêmico de desvalorização.

Para se realizar as análises dos textos literários, necessário se fez abordar temas como o processo de modernização da sociedade brasileira, suas políticas públicas agrárias, memória e desterritorialização, bem como a proposta colonizatória da região norte do Estado de Mato Grosso. Por ser um grupo social deixado à margem pelo grande capital, os camponeses têm sido emudecidos em suas histórias, culturas, tradições, bem como nas questões voltadas à economia e ao meio ambiente e, nesse processo, têm sofrido grandes impactos do processo de implantação de inovações tecnológicas na produção de alimentos do campo.

Diante desse contexto, este trabalho busca responder às indagações: como a identidade camponesa estaria representada na obra poética *Apesar do amor*, de Marli Walker, e nos cordéis de Luzimar Medeiros Braga? Que representação de camponeses seriam apresentadas pelas obras mencionadas, tendo em vista a dinâmica desigual e inexorável das relações de poder que envolvem esses trabalhadores no campo, sejam em propriedades de grandes agricultores ou em seus pequenos sítios ou pedaços de terra?

Encontraram-se, nas obras citadas, denúncias sobre desigualdade social, a fome, a falta de acesso às políticas públicas eficientes e funcionais, variadas dificuldades relacionadas ao trabalho, renda, educação, lazer, o desrespeito, o machismo, a luta constante para manutenção da vida no campo, o enfrentamento diário das famílias que têm seus direitos negligenciados.

Para tratar tais questões, este trabalho foi organizado em cinco capítulos que analisam a representação de camponeses construídas nas obras em questão, identificando nas relações de poder entre o capital (e seus representantes) e os trabalhadores rurais, a possibilidade de resistências ou de reações desses grupos sociais, de acordo com o conceito de “poder” do filósofo Michel Foucault.

As análises das representações de campo apresentadas pelas obras levam em conta o imaginário de terras “paradisíacas” construídas historicamente no país. Percebe-se que, tanto nos poemas de Marli Walker quanto nos cordéis de Luzimar Braga, essas questões são abordadas direta e indiretamente, além de trazerem representações do campo e dos camponeses capazes de evidenciar injustiças e mazelas sociais que se querem naturalizadas por ideologias hegemônicas atreladas à vida desses trabalhadores e à produção no campo.

A metodologia usada para a realização do trabalho de pesquisa e análise foi a pesquisa bibliográfica realizada por meio da leitura e interpretação dos textos contidos em livros, teses, dissertação, artigos, dentre outros, que abordam os temas: identidade, memória, relações de poder, literatura de cordel e a história da colonização do campo da região norte de Mato Grosso, além de análise e interpretação de cordéis e poemas. Marconi e Lakatos (2003) afirmam que os estudos descritivos possibilitam conhecer a natureza do fenômeno estudado, a forma como ele se constitui, as características e processos que dele fazem parte.

Após a escolha do tema e delimitação dos objetivos, foi necessária uma ampla pesquisa em bibliotecas e sites na internet, incluído banco de dados de várias universidades, com intuito de investigar a existência de trabalhos acadêmicos já realizados sobre as obras literárias em questão e sobre a temática da representação do camponês e os conflitos do campo. Em seguida, foi realizada uma leitura direcionada dos poemas e cordéis para identificação de representações do campo, de camponeses e de suas relações com o sistema produtivo agroindustrial; também foram lidas e fichadas obras relacionadas com a temática do campo e do camponês, tais como “Expansão do capitalismo na Amazônia norte Mato-grossense: a mercantilização da terra e da escola”, de Odimar João Peripolli (2008), “O poder da fronteira: hegemonia, conflitos e cultura no Norte de Mato Grosso”, de Edison Antônio Souza (2008), além de várias outras obras.

Também foram estudadas obras que tratam de identidade e relações de poder, tais como “A identidade cultural na pós-modernidade”, de Stuart Hall (2006), “Microfísica do poder”, de Michael Foucault (1979) e “Memória e sociedade”, de Ecleia Bosi (1994). Para a poesia, a base teórica foram as obras “O ser e o tempo da poesia”, de Alfredo Bosi (1977) e “O estudo analítico do poema”, de Antonio Candido (1996). E, para falar do cordel, utilizou-se a obra intitulada “Oficina de Literatura de cordel: uma experiência com educadores das escolas rurais no/do campo”, de Josivaldo Constantino dos Santos (2017),

além do diálogo com Silva (2019), Melo (2010), Meneses (2018), Silva (2015), entre outros.

O trabalho, assim, tem a seguinte organização e estrutura: O capítulo 1, intitulado “Campo de identidade: trabalhadores rurais no Brasil ontem e hoje”, é subdividido em dois tópicos, e nele são abordados os temas da identidade, memória e pós-modernidade, contextualizando historicamente os trabalhadores rurais do Brasil até os dias atuais. São debatidos alguns temas conflituosos que têm formado a identidade desses trabalhadores do campo.

O capítulo 2, intitulado “Marli Walker: vida e obra”, é subdividido em três subtópicos, apresentando a biografia da poeta e sua obra, trazendo alguns de seus poemas. Os poemas são ricos esteticamente e trazem, também, denúncias sociais. Quando se confrontam os problemas sociais vividos, é possível compreender a poesia como resistência nesse cenário em que vivemos, no modelo de sociedade capitalista que resulta em desigualdade, problemas econômicos, sociais e ambientais.

O capítulo 3, intitulado “Luzimar Medeiros Braga: vida e obra em cordel”, é subdividido em três subtópicos e traz um pouco da história desse cordelista e da literatura de cordel, ressaltando suas potencialidades formativas. A história do cordel está relacionada com “a história da imprensa e dos impressos, com a do papel, com a dos editores e poetas ditos populares, bem como com a dos leitores e ouvintes

de suas histórias”. Percebe-se que essa forma poética trata também de lutas empreendidas pelos seus sujeitos, e a história da literatura de cordel tem a ver com a resistência cultural, disputas, mudanças e permanências.

O poeta Medeiros Braga, que traz em seus cordéis críticas severas à sociedade capitalista e ao descaso com que vivem os povos camponeses, mostra as inúmeras dificuldades enfrentadas por eles, mas também traz uma visão um pouco mais positiva da vida no campo, que pode ser compreendida como um lampejo de esperança. Pode-se perceber, pela leitura dos cordéis, que esse olhar esperançoso relacionado com uma vida de qualidade na área rural só será possível se de fato as políticas públicas forem implementadas e os direitos dos povos do campo garantidos, encontrando-se aí algumas contradições.

No último capítulo 4, intitulado “Walker e Medeiros: relações camponesas”, são feitas análises comparativas entre as obras de Luzimar Medeiros Braga e Marli Walker, apontando para a forma de representações do campo e dos camponeses tanto nos cordéis quanto nos poemas, como se dão as relações camponesas, ou seja, o que há em comum entre ambas as obras e as contradições encontradas nas obras escolhidas. A interpretação de vários poemas e dos cordéis constata um sentimento de impotência do eu lírico, apresentando necessidades de mudanças no sistema econômico, político, social e ambiental. Porém, Medeiros Braga traz também um olhar mais otimista e esperançoso em relação à vida no campo e aos pequenos produtores rurais.

CAMPO DE IDENTIDADE: TRABALHADORES RURAIS NO BRASIL ONTEM E HOJE

Na busca pela compreensão sobre a realidade vivida pelos camponeses no cenário atual, pode-se perceber que muitos conflitos estruturais apresentados na área rural do país podem ser explicados pela sua forma de organização política, ou seja, existem vários modelos de vida camponesa e de assentamentos de reforma agrária. É importante lembrar que os conflitos por terras marcam a história brasileira e, portanto, também o século XX, que teve a organização de movimentos, como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), as Ligas Camponesas, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a Via Campesina, Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Movimento indígena, Movimento Quilombola, entre tantos outros (Souza, 2012). Na literatura, essas representações sociais aparecem de várias formas.

[...] se, por um lado, as representações são fenômenos que contribuem para a comunicação do grupo, por outro, elas são construídas nesse processo de comunicação. É através da comunicação que as representações são

transmitidas no interior de um grupo social. ‘As representações sociais circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais’ (Jodelet, 2001, p. 17).

A realidade ambiental, cultural, social e econômica vivenciada atualmente podem ser melhor compreendidas quando se olha para suas raízes históricas, que estão representadas nos poemas de Marli Walker e nos cordéis de Luzimar Medeiros Braga, expondo uma realidade de desigualdade social e conflitos estruturais que se iniciam desde a invasão portuguesa, com o “descobrimento do Brasil” em 1500. Stefaniak (2003) relembra que o território brasileiro era povoado por indígenas, que mantinham a propriedade coletiva da terra, até a chegada dos colonizadores.

Os conflitos existentes nas comunidades rurais precisam ser compreendidos por meio de um olhar contextualizado, pois o presente agrário brasileiro é consequência de um processo de exploração, já que a economia brasileira nasceu capitalista, utilizando um sistema escravista, ou seja, apresentava uma visão exploratória tanto em relação às pessoas como também ao meio ambiente. De acordo com Teles e Reis Jr. (2013, p. 290), “nosso país se formou sem preocupação de ordem social ou pública, pois o interesse central era a exploração de um produto agrícola que o colocava em relação com o mundo e que enriquecia o dono do negócio”; nossa sociedade então é marcada por um modelo social que interferiu na cultura e na realidade econômica, política e ambiental.

O Brasil configurou-se, assim, com a presença de uma elite forte, que esteve à frente de eventos sociais como a proclamação da independência e da república, e que sempre trabalhou no sentido de manter os latifúndios e seus privilégios de classe [...] os anos 60 e 70 do século passado, momentos de atuação de um governo militar autoritário, o que ainda vai estar em evidência são os interesses dessa mesma elite detentora do capital para manter o todo social funcionando em seu benefício (Teles; Reis Jr., 2013, p. 294).

Dando uma analisada para o contexto histórico do nosso país e comparando com a realidade atual pode-se perceber que os problemas estruturais se repetem, e a desigualdade social é recorrente. Martins (2010) lembra que a legalização da propriedade privada da terra se deu pela primeira vez, na Constituição Imperial de 1824, chegando à sua plenitude com a Lei de Terras (Lei n. 601) em 1850. “A terra tornada mercadoria, podendo ser comprada e vendida, encontrava-se em abundância no país nesse período, evidentemente, para aqueles que podiam pagar por ela”. As pessoas que eram moradoras de suas terras há várias gerações foram expulsas de seus territórios, não foram respeitados, “enquanto era garantido o estoque de terras às elites, os camponeses tiveram esse acesso bloqueado pelos poucos recursos de que dispunham para aplicar na compra de terra” (Martins, 2010, p. 2).

Peripolli (2009) alerta sobre como no sistema capitalista moderno as pessoas passam a ser consideradas “máquinas” para produzir cada vez mais e melhor devido ao aumento da industrialização, pois houve incremento da necessidade de

mão de obra na cidade a partir da década de 1930/1940, iniciando um novo ciclo de desequilíbrio econômico, social e cultural. Assim acontece o chamado êxodo rural e muitos camponeses acabaram sendo expulsos de suas terras; outros foram seduzidos por promessas de uma vida melhor nas cidades: “O golpe de 1930, tendo à frente Getúlio Vargas, marca a passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade urbano-industrial” (Peripolli, 2009, p. 57).

Para falar sobre o processo histórico de ocupação da Amazônia norte mato-grossense é relevante refletir sobre “o processo de acesso à terra pública e/ou devoluta na Amazônia e a violência praticada contra os povos indígenas, colonos, ribeirinhos e posseiros”; e também pensar sobre as políticas públicas que “viabilizaram o processo de abertura dos grandes eixos rodoviários na região e dos incentivos fiscais que permitiram a implantação dos projetos agropecuários e de colonização privada naquele Estado (Souza, 2008, p 55), pois nada foi realizado por acaso e muito menos sem apoio governamental, ou seja, tratava-se de um processo bem planejado:

O processo de expansão do capitalismo na Amazônia Legal brasileira, no norte do Estado de Mato Grosso, embora tenha começado mais sistematicamente a partir da década de 1930, com a chamada ‘Marcha Para o Oeste’, este se deu com mais intensidade no período pós-1964, através da política de colonização (estatal ou privada) implantada pelo regime militar (Peripolli, 2008, p. 55).

Rodrigues (2020) lembra sobre o Programa de Integração Nacional (PIN) criado pelo governo brasileiro militar pelo Decreto-lei nº 1106, de 16 de julho de 1970, assinado pelo Presidente Médici, com a justificativa de utilizar mão de obra nordestina que sofria severamente com a seca de 1969 e 1970, e se baseando nos vazios demográficos amazônicos. Com os lemas “integrar para não entregar” e “terra sem homens para homens sem terras”, esse movimento do capital em direção à fronteira agrícola se consolidou por meio dos inúmeros projetos de colonização implantados pelo governo do período de ditadura, principalmente entre as décadas de 1960 - 1970.

O projeto voltado à ocupação da região da Amazônia surgiu da união entre o Estado e o capital, “possibilitando que grandes grupos econômicos, nacionais e internacionais, pudessem desenvolver seus projetos o que, na sua essência, representou o movimento de expansão para a acumulação capitalista” (Peripolli, 2008, p. 55). Muitos trabalhadores vieram na ilusão de ter sua terra e construir suas vidas em um novo pedaço de chão, porém, foram muitas dificuldades enfrentadas no início da colonização da Amazônia mato grossense; famílias inteiras se deslocaram de várias regiões do país com uma visão diferente e quando chegaram foram surpreendidos pelas intempéries que tiveram que enfrentar, e muitos, sem apoio de políticas de incentivo ao pequeno agricultor, desistiram, diferentemente do que ocorrera com os grandes empreendedores, que tiveram apoio de vários projetos.

Neste sentido, uma série de projetos agropecuários e de colonização de caráter nacional e regional coordenados pelo Governo Federal foi implantada no Estado de Mato Grosso nas décadas de 1970 e 1980. Como PIN (1970), PROTERRA (1971-1978), PRODOESTE (1972-1974), (POLAMAZÔNIA (1974), POLOCENTRO (1975), POLONOROESTE (até 1987). Por meio de intensas propagandas, buscou-se trazer para o Mato Grosso migrantes sulistas para que trabalhassem de forma ordeira e produtiva, mantendo sempre o espírito capitalista, pois se tinha a intenção de que essas pessoas comprassem “terras das empresas colonizadoras, que eram beneficiadas pelos governos estadual e federal, com políticas voltadas em grande parte para a iniciativa privada” (Souza, 2008, p. 51, 53).

diante da existência de grandes extensões de áreas devolutas acabou se motivando a execução e a alienação indiscriminada do maior volume de terras arrecadadas pelo Estado nas décadas de 70/80. Do total de terras devolutas arrecadadas (6.456.110,9681 há), aproximadamente, 74% foram alienadas sem observância da função social a ser cumprida pela propriedade da terra, conforme determina a legislação específica (Souza, 2008, p. 55).

Em 1975 surgiu a CPT (Comissão Pastoral da Terra), lutando pelo direito de posse da terra e fazendo denúncias da violação dos direitos humanos; para eles o direito à terra com condições de permanência nela é como um direito de trabalho. Na década de 1980, o PT (Partido dos Trabalhadores) começa a ter como meta política a reforma agrária, acontecendo nesse momento a redemocratização e o surgimento de organizações

como CUT (Central Única dos Trabalhadores) (Carvalho, 2005). Em 1984 é criado um importante movimento social no Brasil: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e a partir daí vai se construir um outro sujeito do campo: o “Trabalhador Rural Sem Terra”. Segundo Peripolli (2009), esses trabalhadores rurais recomeçam novamente as organizações das lutas pela ocupação de terra com reuniões e momentos educativos/formativos, ocorrendo então uma preocupação com a conscientização política dos envolvidos em prol da qualidade de vida dos camponeses.

Buainain (2008) explica que a luta dos povos camponeses é pautada por muitas reivindicações e acontecem vários debates, embates, disputas políticas, injustiças e conquistas. Em 1988 é lançado a Lei de Reforma Agrária, mas infelizmente foram cumpridas apenas 10% das reivindicações: o que ocorreu foi uma reforma agrária de mercado voltada apenas para o interesse da elite.

Apesar das profundas transformações sociais e econômicas do país, a raiz da questão e dos conflitos agrários no Brasil contemporâneo continua sendo a vigência de um padrão de propriedade de terras arcaico, que mantém e sustenta um sistema de distribuição e utilização de terras iníquas e ineficientes do ponto de vista sociais e econômicas (Buainain, 2008 p. 18).

Peripolli (2009) explica que a partir de 1990 inicia-se uma nova visão de Agricultor Familiar, pois ocorre a despolitização da reforma agrária, considerada fator importante de combate à pobreza rural. O Banco Mundial, em 1992, faz um estudo

que alerta que 50% dos pobres do mundo vivem no campo, o que fomentaria a contradição de que, segundo a pesquisa, eles são pobres porque não têm terra, e necessitam por isso de acesso a ela. Então em 1993 a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) anuncia que a agricultura familiar é responsável pela produção de 70% dos produtos consumidos no Brasil (Buainain, 2008).

Em 1995 é criada a primeira política pública, ou seja, o PRONAF (Programa Nacional de Amparo à Agricultura Familiar), que é dinheiro destinado a esses sujeitos sociais com juros baixos (em relação ao aplicado no mercado), carência e com melhores condições de pagamento; é claro que essa conquista foi resultado de muita luta e reivindicações dos movimentos sociais do campo, e hoje em dia muitos trabalhadores rurais não tem tido acesso a essa política pública, a qual se mostra muito funcional no papel, mas na prática seria emperrada pela burocracia (Peripolli, 2009).

No decorrer da história houve várias crises na economia brasileira, e no campo não foi diferente, pois a minoria que resistiu e permaneceu no campo foi intencionalmente “esquecida”, passando por variadas dificuldades. Ainda hoje pode-se perceber resquícios de problemas de infraestrutura nos assentamentos, como estradas em péssimas condições, falta de internet de qualidade, falta de acesso a crédito, dificuldade de comercialização dos produtos, falta de investimento em lazer e cultura, e o pior de todos: as políticas de educação.

Para Meszáros (2005), a educação institucionalizada serve para gerar e transmitir valores que legitima os interesses da classe dominante, através da subordinação e dominação hierárquica e impositiva.

No caso específico do Brasil, é importante fazermos um resgate histórico de nossa situação cultural e social para podermos compreender melhor ainda as relações entre sociedade e educação. [...] uma sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata como um modelo cultural antidemocrático, comandada por uma elite privilegiada, com distância social entre toda e qualquer esfera, conformando uma relação antagônica entre homens e mulheres, adultos e crianças, ricos e pobres, brancos, negros e índios, conduzindo-nos para um modelo educacional onde aos abastados se fornece a intelectualidade e aos desfavorecidos o trabalho manual e mecânico. Por toda a nossa história esse será o sistema ideológico que vai circundar a educação, deixando-a entre esses dois mundos (Teles, 2010, p. 293-294).

Na tentativa de se contrapor à realidade existente no país, a Educação do Campo tem sido motivo de muitas lutas, debates e discussões entre várias instituições de ensino, órgãos governamentais e movimentos sociais através de pessoas dedicadas e compromissadas com uma nova proposta de sociedade mais justa (Caldart, 2000). Nos escritos políticos de Marx e Engels a educação sempre esteve presente como temática fundamental rumo ao socialismo, os fundadores do materialismo histórico consideram a educação como um desafio da classe trabalhadora ainda no capitalismo e que ela deve ser de forma integral (Leher, 2014).

Esse modelo de educação visa uma nova perspectiva de vida, promovendo a formação humana e a construção de uma consciência política de igualdade de direitos garantida a homens e mulheres, camponeses e camponesas, além da luta por um campo com vida digna e sustentável em todos os sentidos: “Nas experiências revolucionárias, a exemplo da Comuna de Paris (1871) e da Revolução Russa (1917) a educação sempre foi um tema importante para o avanço do socialismo” (Leher, 2014, p. 29). “Os movimentos sociais populares vem tomando a educação como uma tarefa da própria classe, como é possível constatar por iniciativas como a escola Florestan Fernandes, bem como pelas lutas em prol da educação básica nos assentamentos e pelos cursos de graduação em Universidades públicas propostos pelo MST” (Leher, 2014, p. 28).

As principais pedagogias que estão inseridas na concepção de Educação do Campo, segundo Kolling (1999), são: a Pedagogia do Oprimido, mostrando que os oprimidos e oprimidas são os sujeitos de sua própria educação e libertação, e que é preciso dar ênfase na cultura, pois ela é a matriz da formação do ser humano; a Pedagogia do Movimento, que compreende a dimensão educativa da participação das pessoas nos movimentos e das lutas sociais para formar os sujeitos desta luta; e a Pedagogia da Terra, que tem a intenção de educar e reeducar o povo do campo na sabedoria de cuidado e preservação da terra, entendendo a relação de cuidado com o ser humano e sua educação, valorizando a mulher e toda sua relação de cuidado com a natureza.

Pelo viés da Educação do Campo, a contestação do modo de produção do agronegócio, como forma de combate à matriz hegemônica da produção de alimentos e do uso da terra como mercadoria, encontra na esfera da cultura seu correspondente, na demanda pelo combate às formas da Indústria Cultural... A relação alienada com os meios de comunicação hegemônicos é consequência dos processos de inserção da modernidade pela via exclusiva do consumo, mediante ao desconhecimento generalizado dos modos de produção, das técnicas e das intenções políticas dos meios de comunicação de massa (Bastos; Stedile; Bôas, p. 60-61).

Após várias discussões sobre o sistema hegemônico de produção e dos meios alienantes da educação institucional existente na sociedade, entendeu-se que para se consolidar o processo de Reforma Agrária no Brasil é necessário reverter o quadro precário da formação de educadores das escolas do campo, pois na medida em que se conquista a qualidade da Educação do Campo aumenta a possibilidade de fixação dos trabalhadores rurais no campo, impedindo a migração forçada destes para os centros urbanos (Corrêa *et al.*, 2011).

Antônio Gramsci (2000) fala sobre a necessidade da formação dos intelectuais orgânicos ligados e envolvidos na realidade social, e a escola é um dos principais locais de formação destes intelectuais. Uma escola que nasce a partir da luta, do dinamismo social objetivo de uma organização social, da demanda da classe trabalhadora tem como referência a vida e tem como princípio educativo o trabalho ontológico.

Dentro dessa perspectiva, conseguiu-se, depois de muita luta, organizar e garantir aos camponeses cursos de Licenciaturas em Educação do Campo e cursos de Especializações Residências Agrárias, em algumas Universidades públicas do Brasil, inclusive com acesso a bolsas de estudo na tentativa de garantir a conclusão dos mesmos.

Há muitas escolas do campo fechando, multisseriando as turmas; há falta de escolas técnicas e organização para garantir o ensino superior aos jovens que, quando terminam o ensino médio, são obrigados a ir para a cidade, e os que não têm estrutura para isso acabam desistindo de estudar. “No cenário de concentração da propriedade, somado à migração campo-cidade desencadeada pelos processos de expropriação no campo e de atração para o trabalho nas cidades, emerge o fenômeno político de fechamento e nucleação de escolas” (Souza, 2012, s/p).

Nos séculos XIX e XX, esses povos saíram do campo e foram para os grandes centros urbanos servir de mão de obra barata, mas essa realidade ainda se repete com os jovens que não veem alternativa rentável e garantia no campo. Muitas famílias perdem o vínculo com a terra, e poucas políticas públicas são implementadas para promover o retorno dos jovens para o meio rural. Outro problema está relacionado ao uso inadequado da terra, contaminação e destruição do meio ambiente.

O agronegócio está tomando conta das terras e “espremendo” os agricultores familiares, que muitas vezes acabam vendendo suas propriedades por não terem condições de se manterem na terra, reorganizando novamente os grandes latifúndios. A intenção dos meios de comunicação é convencer a população de que somente pelo modelo do agronegócio, da “modernização conservadora”, da agricultura industrial é que se conseguirá o progresso, e só assim se pode desenvolver uma economia forte.

Mas o que se vê é uma séria consequência para a saúde humana, e se não houver uma conscientização para a mudança desse modelo da revolução verde “nosso futuro será problemático, com crises crescentes e irreversíveis geradas pela contaminação ambiental, pela contaminação dos alimentos e pela destruição dos bens naturais comuns” (Machado; Machado Filho, 2014, p. 308). Assim a Agroecologia, uma ciência dialética, racional, é uma alternativa real e indispensável para a sobrevivência humana, mas não há muito incentivo para que ela seja de fato implementada e não há interesse do setor agrícola para que mudanças sejam realizadas em grande escala no país.

Há uma preocupação de vários grupos camponeses com uma “práxis produtiva altamente integrada com a natureza” (Carvalho, 2014, p. 65); alguns representantes dos povos do campo (indígenas, extrativistas, pescadores, agricultores, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta, etc.) podem ser considerados como “guardiões da agrobiodiversidade”. Porém,

diante da pressão feita pelo agronegócio, os camponeses contemporâneos tem tido uma grande dificuldade em manter essa relação saudável de produção, cuidado ambiental e a permanência no campo. Carvalho (2014) afirma ainda que as memórias e os conhecimentos que eram passados de gerações em gerações estão se perdendo, e o vínculo com a terra e a identidade camponesa está pouco a pouco se dissolvendo.

1.1. IDENTIDADE, MEMÓRIA E PÓS-MODERNIDADE

Diferentes áreas do conhecimento têm buscado compreender e explicar o conceito de identidade. Stuart Hall (2006, p. 7) afirma que a questão da identidade está sendo “extensamente discutida na teoria social, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Segundo Hall, o passado é reverenciado pela sociedade, e os símbolos são estimados porque abarca e dá continuidade aos conhecimentos da humanidade. A relação que se estabelece entre memória, espaço e identidade são pertinentes neste trabalho, posto que “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico” (Hall, 2000, p. 72).

Para o teórico, o indivíduo é munido de várias identidades que surgem dos ambientes sociais, ou seja, o homem não tem uma única identidade. Essa identidade plenamente

unificada, completa, segura e coerente seria fantasiosa. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, confrontam-se os sujeitos por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis e temporárias (Hall, 1990, p. 13). O posicionamento de Hall mostra que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade estática e completa, ou seja, a identidade contemporânea torna-se construção precária em terreno movediço.

O sujeito pós-moderno é, assim, conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”, sendo formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os indivíduos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam (Hall, 2000, p. 13). Diante do que foi exposto, compreende-se que a identidade se forma ao longo do tempo, através de um processo inacabado e contínuo. Essa concepção de identidade ininterrupta seria típica da era da pós-modernidade. Stuart Hall apresenta três conceitos muito distintos de identidade: “sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno” (Hall, 2000, p. 10).

O sujeito do Iluminismo era inteiramente centrado, único, favorecido das competências do raciocínio e de atuação. O “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O

centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (Hall, 2000, p. 10-11).

A segunda concepção mostra que o sujeito não era independente, pois mantinha uma relação interativa com outras pessoas. A identidade é denominada como sociológica, mantendo um sincretismo entre a percepção individual e social. A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas” que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que habitava (Hall, 2000, p. 11).

A última definição apresenta um sujeito pós-moderno que tem múltiplas identidades; ele é assinalado como um sujeito que está se tornando segmentado, (Hall, 2000, p. 12): “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Hall pontua, também, que as sociedades da modernidade denominadas de tardias são discernidas pela dissemelhança e divisões sociais que geram no sujeito diferentes posturas.

Os povos camponeses têm lutado para manterem suas raízes, mas com tantas mudanças nas relações sociais advindas dos processos de globalização e disseminação de mídias tecnológicas na sociedade, isso tem sido uma tarefa muito

difícil, principalmente na relação conflituosa entre o agronegócio e a agricultura familiar, na medida em que os valores do grande capital, com cumplicidade da mídia e de poderes políticos, são implementados com força e agressividade pelo agronegócio.

Peripolli (2008), em sua tese, traz uma contextualização histórica camponesa do Brasil e, por meio de uma pesquisa detalhada sobre o norte do estado de Mato Grosso, possibilita uma compreensão crítica da realidade, ou seja, uma história social permeada pela luta:

Uma luta que se intensifica na medida em que os sujeitos sociais que trabalham e vivem da terra, como agricultores, pescadores, parceiros, ribeirinhos (povos das águas), povos da floresta (catadores), etc., se veem expropriados das mais diferentes formas, inclusive dos seus saberes. Saberes que lhes são próprios e lhes conferem o direito de trabalhar e conviver com a terra. Terra que lhes representa a vida. Vida que se vê, a todo instante, ameaçada pela fúria do capital (Peripolli, 2008, p. 53).

A fúria do capital a que se refere Peripolli resulta em desigualdade social, falta de cuidado com o meio ambiente, desrespeito com as tradições e culturas que vinham sendo mantidas geração após geração e, nesse cenário desarmonioso, têm sido destruídas, conhecimentos milenares não são mais valorizados, e memórias vão se perdendo.

Assmann (2008, p. 2) afirma que a “memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. A identidade, por sua vez, é relacionada ao tempo”. Para o teórico, as memórias

capacitam as pessoas a viver em grupos e comunidades e essa vivência nos grupos e comunidades promove a capacidade de se construir uma memória.

Ecléa Bosi (1994) apresenta importantes apontamentos acerca do assunto, mostrando que a memória não é apenas uma ação de lembrar o passado, mas que pode representar um reaparecimento dos fatos, contribuindo para a compreensão da atualidade.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado anterior, mas uma reparação (Bosi, 1994, p. 81).

No entendimento de Ecléa Bosi, a memória é tanto uma ação individual quanto social: o coletivo dissemina e conserva e robustece as recordações, mas aquele que recorda, ao evocá-las, vai aos poucos individualizando a memória comunitária e, no que recorda e como recorda, faz com que fique o que é precioso: “A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (Bosi, 1994, p. 68). Para Ecléa Bosi, é o sujeito que rememora. Ele é o memorizador dos fatos do pretérito a que tem acesso e pode conservar elementos que são, para ele, e só para ele, expressivos dentro de um acervo comum. As transformações tão necessárias podem ser

implementadas a partir da compreensão dessas memórias, pois nelas contém a essência da vida humana.

De acordo com Bosi, a memória individual é mais fidedigna do que a memória social: “Será a memória individual mais fiel que a social? Sim, enquanto a percepção original obrigar o sujeito a conter as distorções em certos limites porque ele viu o fenômeno” (Bosi, 1994, p. 420). A memória social está imbricada com a memória individual, mas cada sujeito vive diferentemente o ato de lembrar, ou seja, a lembrança não ocorre da mesma forma para todos e conhecer o passado é importante para entender o presente e projetar o futuro.

À primeira vista, a memória parece uma coisa inerte, presa ao passado — a lembrança de algo que aconteceu e ficou parado no tempo. Mas um olhar mais cuidadoso revela que a memória é dinâmica e conecta as três dimensões temporais: ao ser evocada no presente, remete ao passado, mas sempre tendo em vista o futuro (Dourado, 2013, p. 1).

Na conferência *Memórias Comunicativa e Cultural*, o pesquisador Jan Assmann professor da Universidade de Konstanz, Alemanha, explicou sobre o tema da memória e seu caráter dinâmico. “Jan tratou da durabilidade e dos aspectos simbólicos da memória cultural, enfatizando seu papel na construção de identidades” (Dourado, 2013, p. 1). Para Jan há uma distinção entre dois tipos de memória: a comunicativa e a cultural. “A comunicativa, relacionada à transmissão difusa de lembranças no cotidiano, através da oralidade” (Assmann, 2008, p. 121) ela ocorre com a interação e na comunicação

cotidiana e, por isso tem uma profundidade de tempo limitada, são memórias que se referem ao passado recente que um indivíduo compartilha com seus contemporâneos.

A memória comunicativa, por outro lado, restringe-se ao passado recente, evoca lembranças pessoais e autobiográficas e é marcada pela durabilidade de curto prazo, de 80 a 110 anos, de três a quatro gerações. E, por seu caráter informal, não requer especialização por parte de quem a transmite (Dourado, 2013, p. 1).

A memória cultural é baseada em pontos fixos no passado. “Até mesmo na memória cultural o passado não é preservado como tal”, mas está presente em símbolos que são representados em escritos ou mitos orais, que são lembrados em festas e “que estão continuamente iluminando um presente em mudança”. No contexto da memória cultural, a distinção entre mito e história desaparece. Assmann (2008, p. 125) diz que “a memória cultural referente a lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações”.

A memória cultural é constituída, assim, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios. Por isso, pressupõe um conhecimento restrito aos iniciados (Dourado, 2013, p. 1).

Saraiva (2014) afirma que nas memórias estão presentes identidades que se manifestam ao serem (re) construídas, numa ação libertadora, a reconstrução das memórias permite que outras histórias sejam escritas, pois infinitas historicidades são evocadas. Pluralizando assim a presença dos sujeitos na cena social e histórica; rompe exclusões, dando à história, à vida, um caráter democrático e plural, onde cada homem e cada mulher pode ver sua experiência de vida registrada como algo importante e como parte da história.

Outro aspecto que deve ser levado em conta quando se pretende entender o conceito de identidade é que a memória contribui para a sua construção. Stuart Hall (2006) diz que a memória trabalha em um processo dinâmico. Esse dinamismo pode ser percebido ao ouvir as histórias orais dos pais, avôs, bisavós, nos causos, brincadeiras e cantigas. Nas obras de artes escritas, pintadas, bordadas, desenhadas, esculpidas, encenadas, cantadas, coreografadas. Trata-se de memórias individuais e coletivas repletas de histórias de vida, culturas, saberes e saudades.

Nossas identidades vão sendo moldadas como uma colcha de retalhos que vai adquirindo formas conforme temos contatos com novos espaços organizativos, como escola, igreja, trabalho, casas de amigos, festas, movimentos sociais, etc. Novas relações sociais vão se estabelecendo e novos conhecimentos vão sendo adquiridos nos formando como sujeitos individuais e sociais. Stuart Hall (2006) afirma que a identidade cultural não é fixa, imutável, mas faz parte

da história e da cultura, não está relacionada com um espírito transcendental ou universal que está dentro de nós, mas ela é fundamentalmente marcada pela história, para ele as identidades culturais são estabelecidas por “pontos de identificação ou sutura”, organizadas no interior da cultura, dos discursos e da história:

‘Também não é de uma vez para sempre’. Não é uma origem fixa à qual possamos fazer um retorno final e absoluto. E, é claro, não é um simples fantasma. Mas é alguma coisa – não é um mero artifício da imaginação. Tem suas histórias – e as histórias por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. Mas já não é como um simples passado factual que se dirige a nós, pois nossa relação com ele, como a relação de uma criança com a mãe, é sempre já ‘depois da separação’. É construída sempre por intermédio da memória, da fantasia, narrativa e mito (Hall, 2006, p. 70).

A identidade não é estática, pelo contrário, vai se modificando conforme a pessoa tem acesso a novas experiências de vida, quando ela passa a entender a sociedade em que vive e se reconhece como participante da história humana, quando as lacunas vão sendo preenchidas e ela se vê como uma peça do contexto histórico real. Quando a pessoa passa por novas experiências educativas, profissionais, políticas ou religiosas, ela se envolve em relacionamentos afetivos, conquista novas metas, modifica seus padrões econômicos e sociais, adquire um novo *status*, enfim, o acesso ao conhecimento, proporcionado pelas mais diversas experiências, moldando as identidades.

A identidade diz respeito a uma parte mais individual do sujeito e ao mesmo tempo sua convivência social, ou seja, aquilo que se relaciona com o conjunto de entendimentos que uma pessoa possui sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe é significativo. Esse entendimento é construído a partir de fontes de significado que são construídas socialmente, como nacionalidade, gênero, classe social, e que passam a ser usadas pelos indivíduos como alicerce de construção de sua identidade (Rodrigues, 2020).

Essas experiências de vida, culturas e identidades são apresentadas nos poemas e repentes cantados e, muitas vezes, acompanhados pelas violas; nos cordéis que, ao serem recitados, falam dos valores que faziam sentido, de crenças que sustentavam as certezas, músicas que falam de uma época em que existiam esteios psicológicos e relacionamentos duradouros que serviam como base e alicerce de uma sociedade.

A memória e todo o processo de formação da identidade estão relacionados também com o poder. Para Foucault (1979), o poder deve ser compreendido nas relações entre os sujeitos, ou seja, pela interação entre dois ou mais atores sociais. Foucault, ainda, acrescenta um elemento que caracteriza sua concepção de poder: “onde há poder há resistência; não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social” (Foucault, 2005, p. 14). Assim, não haveria relação de poder se não existisse ao menos um ponto de resistência, e é

justamente nesse ponto de resistência que o poder mostra sua força, ainda que nesse jogo essas forças estejam implícitas.

Michel Foucault, filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, e crítico literário, considera que “o poder está em toda parte” (Foucault, 2005, p. 89), nas relações sociais existentes, provocando ações e uma relação fluante. Ou seja, o poder é uma prática social constituída historicamente e em constante transformação. Essa concepção destoa da visão tradicional sobre poder, entendida como uma força exercida unilateralmente do mais forte sobre o mais fraco, e também como a representação de algo negativo (Guirado, 2009). Essas concepções são importantes para se identificar e analisar as relações estabelecidas entre camponeses e representantes do capital no campo, além de permitirem a possibilidade de se detectar reações e resistências como elementos constituintes desse jogo de forças, mesmo que se mostrem extremamente desiguais e enfraquecidos nessas relações de poder.

Necessário frisar que, no campo, há também as relações de violência. Pequenos produtores e minorias indígenas sofreram e ainda sofrem com assassinatos de seus líderes e membros de comunidades. Nesse contexto de violência, não haveria relações de poder. Foucault diferencia poder de dominação; sendo o estado de dominação caracterizado pela inexistência do espaço de atuação do poder.

Dito de outro modo, dominação faz referência a uma relação de poder assimétrica cujas possibilidades de

resistência e os espaços de liberdade necessários para o exercício do poder foram bastante limitados (Costa, 2018, p. 157). Além disso, Foucault ressalta que o poder acontece no nível do discurso no sentido de influenciar o comportamento do “outro”, promovendo ações e reações que, também, por sua vez, implicam estabelecimentos de relações de poder.

Nesse sentido, o poder seria multivetorial e aconteceria no âmbito das relações cotidianas. Sendo assim, onde há violência, há o abandono do campo das negociações e do convencimento via discurso, não ocorrendo, portanto, relações de poder. Deve-se indagar em que medida no campo ocorreriam relações de poder, tendo em vista a pequena capacidade de reação dos grupos minoritários diante da grande força dos latifúndios representantes do capital, além das relações de violência instaladas nesses ambientes sociais.

Para Hutcheon (1991, p. 17), O “pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político”; ele não nega que o passado existiu, mas sim que seu acesso está totalmente condicionado pela textualidade. O pós-modernismo é um fenômeno muito contraditório “que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia, seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia” (Hutcheon, 1991, p. 19).

Para a autora, é errado afirmar que o pós-modernismo relega a história à “lixeira de uma episteme obsoleta, afirmando euforicamente que a história não existe a não ser como texto” (Hutcheon, 1991, p. 34). A história está sendo repensada como uma criação humana e o passado também pode ser conhecido por meio de seus textos, levando em conta que até mesmo as instituições do passado com suas práticas sociais e suas estruturas podem ser consideradas como textos sociais, pois revelam evidências, documentos e relatos de testemunhas oculares. E, na construção dessa nova História, as novas identidades culturais vêm se expressando.

Como se pode perceber, a formação da identidade é um processo que envolve vários aspectos, e, no caso Brasil, é um processo ainda mais complexo, pois as raízes históricas que determinam a formação cultural, econômica e social do país são repletas de contradições. Um texto que nos mostra um pouco essa realidade é “As ideias fora do lugar”, de Roberto Schwarz (2000), que discute o realismo apresentado por Machado de Assis e demonstra em que contexto ocorre a formação do sujeito brasileiro. Ele fala do favor como mediação quase universal da experiência brasileira, como decorrência das relações estabelecidas entre proprietários e profissionais liberais desde o período da escravidão.

Brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter postiço, inautêntico, imitado da vida cultural que levamos. Essa experiência tem sido um dado formador de nossa reflexão crítica desde os tempos da Independência. Ela pode ser e foi interpretada

de muitas maneiras, por românticos, naturalistas, modernistas, esquerda, direita, cosmopolitas, nacionalistas etc., o que faz supor que corresponda a um problema durável e de fundo (Schwartz, 2000, p. 29).

A sociedade brasileira, formada em meio a tantas contradições, como a da lógica do favor, do patriarcado, das relações discriminatórias, da imposição do modo de produção capitalista e de um modelo educativo tradicional, a imprensa exercendo sua influência alienadora, a falta de políticas públicas eficientes de Reforma Agrária, etc., resultou em um povo despolitizado, com dificuldade de discutir seus próprios dilemas e assumir uma postura consciente e protagonista diante da necessidade de organização social.

Mas é preciso lembrar que, mesmo diante desse quadro negativo, alguns movimentos sociais têm conseguido interferir de forma positiva nessa realidade, amenizando dificuldades e promovendo momentos de conscientização política, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), por exemplo, que, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades e perseguições, preocupa-se com a formação humana dos integrantes do movimento, com uma sociedade mais justa e consciente.

Desde sua organização, na década de 1980, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) retoma a questão da luta pela terra por meio da ação de massas, organizando coletivos em diferentes áreas de atuação, envolvendo a teoria e a prática com um olhar mais consciente e politizado sobre o cotidiano atual, demonstrando que é necessário retomar

a pauta cultural nas lutas políticas, seguindo o pensamento filosófico de Paulo Freire em que mostra que ninguém se liberta sozinho.

A liberdade é uma conquista difícil de ser alcançada, por isso a necessidade do empenho pela libertação, que somente ocorrerá por meio de uma mudança revolucionária, e, para isso, os explorados precisam deixar a cultura do silêncio, seus preconceitos, suas marcas, sua desconfiança. É preciso estabelecer uma relação em que se possa confiar uns nos outros, acreditar nos homens oprimidos que, engajados na luta pela libertação do ser, se tornarão sujeitos conscientes, convencidos da situação em que se encontram, e, determinados e unidos, terão o poder de lutar e alcançar o objetivo de se libertarem mutuamente (Freire, 1987).

1.2. OS TRABALHADORES RURAIS BRASILEIROS NA CONTEMPORANEIDADE

As últimas décadas têm sido marcadas por profundas modificações tanto política, econômica, social, ambiental quanto nas relações pessoais e interpessoais.

Muita gente não conhece mais as técnicas naturais de plantio, cultivo, produção, caça, pesca, extrativismo; várias pessoas, tanto no campo quanto na cidade, vivem alienadas sem se preocupar com as agressões e destruição do meio

ambiente e a cada dia aumentam os conflitos estruturais desse mundo tecnológico, em que a ciência tem avançado em busca de novas descobertas, porém o meio ambiente tem sido aniquilado em nome do “progresso”.

Há uma falsa sensação de que existe um progresso em curso, mas o que, na verdade, se apresenta é uma desigualdade social com índices alarmantes, inclusive, aumento da fome no mundo. Freitas (2021, p. 2) afirma que “no mundo contemporâneo cerca de 2 bilhões de pessoas enfrentam diariamente o desprovimento total ou parcial de alimentos”; essas pessoas não ingerem nem a quantidade mínima de calorias diárias de 2.500 (calorias). “Esse problema é consequência do “desvio” da produção”; a promessa de mesa farta não se concretizou, pois “os alimentos produzidos em países subdesenvolvidos são destinados à exportação e não atendem, em muitos casos, ao mercado interno, e o outro fator determinante é a alimentação animal, ou seja, “a produção de grãos usados para alimentar animais” (Freitas, 2021, p. 2).

A relação do ser humano com o meio ambiente está sendo desastrosa, o consumismo desenfreado se tornou a marca registrada da sociedade, os lixos se acumulam, o solo, a água e os alimentos estão sendo cada vez mais contaminados pelos agrotóxicos, as sementes crioulas estão desaparecendo e o ciclo natural da vida está sofrendo sérias interferências. “O que a natureza levou milhares de anos para construir, tem sido destruído rapidamente com a chamada revolução verde” (Anmc, 2013, p. 8).

Lazzari e Souza (2017, p. 4) lembram que o “Brasil é agraciado com a sociobiodiversidade de recursos naturais e de culturas que otimizam o uso de recursos da floresta com um sentimento de elo, pertencimento e respeito”; essa relação íntima com o meio ambiente “resulta na formação de conhecimentos tradicionais que são passados a cada geração” (p. 4). Com a imposição da ciência como única e exclusiva forma de validade, os conhecimentos empíricos “acabam sendo rotulados como formas inválidas, arcaicas e obsoletas de saber” (p. 4), e isso é visível nas questões que envolvem os saberes tradicionais relacionados ao uso do campo *versus* a introdução da máquina e do agrotóxico pela Revolução Verde.

Nesse contexto, o cordelista Luzimar Medeiros Braga alerta, no trecho do *cordel da reforma agrária*, sobre a necessidade de uma interação do homem do campo com a natureza de forma mais consciente. O poeta fala desse conhecimento de mundo que o camponês tem, da necessidade de uma reforma agrária real, em que as pessoas pudessem ter sua terra e todas as condições necessárias para plantar:

A reforma agrária é boa
 Para o homem e a natureza
 Porque vai poder plantar
 Dando mais verde e beleza
 Sem agredir sua fauna,
 Sem causar mais avareza.

Com a terra posta à mão
 Do pequeno produtor
 Os alimentos da terra
 Voltarão a ter sabor,
 A ser saudáveis à vida,
 A ser mais puro em teor (Braga, 2014, p. 5).

Porém, percebe-se na poesia desse cordelista crítico social que há uma falta de preocupação com o futuro do planeta, e já que dependemos dele para a sobrevivência e perpetuação da espécie humana seriam necessárias mudanças drásticas definitivas para interromper imediatamente o ciclo destrutivo, mas não se veem políticas realmente potentes de preservação e produção consciente. Nos moldes do que é chamado de progresso no campo, a Revolução Verde encontra apoio político e financeiro, o capital circula pelas mãos dos grandes investidores e empresas transnacionais e se consolidam os latifúndios pelo país; o resultado desse modelo de produção são diversas contradições, como explica Lazzari e Souza:

A Revolução Verde após ser inserida na agricultura do Brasil traz em seu seio inúmeras contradições. A promessa de emprego cai por terra, uma vez que as máquinas invadem o campo e a produção familiar diversificada passa a ser plantação de monocultura. O aumento da produção de alimentos para o mercado interno foi ínfimo, uma vez que os grandes campos de uma só cultura se destinavam à exportação o êxodo rural pautado no desemprego facilitou a solidificação do latifúndio e o surgimento da periferia na zona urbana. O alimento orgânico dá espaço ao alimento sem segurança alimentar. A terra fértil passa por processos de desertificação (Lazzari; Souza, 2017, p. 5).

A biodiversidade dá lugar aos monocultivos, a ideia de fartura se contrapõe com a situação econômica do país que se pode afirmar alarmante: “no Brasil de 2022, apenas 4 em cada 10 domicílios conseguem manter acesso pleno à alimentação – ou seja, estão em condição de segurança alimentar”.

De acordo com o 2º inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, 125,2 milhões de brasileiros que passaram por algum grau de insegurança alimentar. É um aumento de 7,2% desde 2020, e de 60% em comparação com 2018, a pesquisa foi realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN) (Moraes, 2022, p. 2) e essa realidade também se evidencia no poema *sementes*, de Marli Walker

sementes

quantos grãos são necessários
pra abastecer os armários
das casas que não têm chão?
tantos grãos desperdiçados
tantos meninos ilhados
no mar inglório de grãos (Walker, 2016, p. 7).

No poema, o eu lírico questiona sobre o modelo de produção do agronegócio, apontando as contradições entre a fartura, desperdícios de grãos, mar inglório de grãos e a escassez, casas sem chão, armários precisando ser abastecidos, e meninos ilhados. Os desafios são imensos para os pequenos produtores familiares que acabam ficando cercados por grandes monocultivos que fazem uso de todo tipo de inseticidas, agrotóxicos, adubos químicos, enfim há uma artificialização da agricultura, o que acaba dificultando as produções mais naturais e orgânicas. “O modelo de desenvolvimento capitalista não respeita e não preserva a biodiversidade” (Anmc, 2013, p. 08, 12) e não se preocupa

com aqueles que estão ilhados entre grandes fazendas monocultoras, sem chão.

Os camponeses que ainda buscam modelos agroecológicos de produção não têm tido apoio de políticas públicas. Não há também uma preocupação e incentivo da produção agroecológica em grande escala, porque o mercado bilionário dos insumos químicos, sementes híbridas e transgênicas, fertilizantes artificiais, agrotóxicos, sofreria uma queda drástica, já que o modelo agroecológico de produção é natural e busca integração entre os agroecossistemas, o que torna os investimentos mais baratos. A Terra é a nossa casa, e a integração entre a terra, água e luz solar é a garantia de vida no planeta. Conforme a Constituição Federal (1988), em seu Artigo 186, a terra tem uma função social:

- A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

I - aproveitamento racional e adequado;

II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;

III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho;

IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores (Brasil, 1988).

Com o passar do tempo, a terra deixou de cumprir sua função social e passou a ser encarada apenas como um bem material, com o objetivo primordial de gerar lucros para seus

proprietários, e a partir de então o acesso a ela tem se tornado cada vez mais limitado. Peripolli (2009) adverte sobre isso:

As mais diferentes sociedades, em todas as épocas históricas e formas de organização humana, sempre dedicaram especial atenção ao uso e ocupação da terra, pois dela tiravam seu sustento. Com o advento do capitalismo, o que era de todos e de uso coletivo - a terra e seus frutos - passou a ter dono. Surgem as primeiras cercas. A terra torna-se um direito excludente, acumulativo, individual, sagrado (Peripolli, 2008, p. 9).

Esses povos do campo, não por acaso, “são considerados, pelas classes dominantes, como cidadãos de segunda categoria”; isso somado a falta de políticas públicas adequadas, tem dificultado o desenvolvimento social, econômico, cultural e político resultando numa baixa qualidade de vida e expulsão dos povos do campo. É possível, por meio de um olhar atento, notar o “esforço na artificialização da agricultura”: “há uma intencionalidade dominante que se alicerça na lógica capitalista de se substituir os ecossistemas naturais por outros predominantemente antrópicos da agricultura industrial” (Carvalho, 2014, p. 69) e isso resulta na dificuldade de continuação de grande parte dessa população nas propriedades rurais.

Fala-se muito da importância da preservação do meio ambiente; há um discurso na mídia de que é necessário que cada indivíduo faça sua parte para beneficiar o meio ambiente seguindo algumas dicas como: preserve as árvores e nascentes, não comercialize animais silvestres sem registro, cada um cuide

do seu lixo, recicle e reaproveite, reduza o consumo de água e energia elétrica, etc.; porém, a destruição ambiental não é uma responsabilidade individual, e sim coletiva e urgente, além de ser também responsabilidade de empresas (principalmente as que poluem) e instituições públicas e privadas. Isso sem falar na responsabilidade do agronegócio, que vem assumindo cada vez mais espaço político e econômico do país, acompanhado de um processo de desindustrialização que vem ocorrendo no país desde a década de 1980. Se o agronegócio que assumir o protagonismo e o “bônus” de “desenvolver” o Brasil, que assume também os danos e o “ônus” dos estragos que vem causando ao meio ambiente e à saúde das pessoas.

Esse discurso corrente trata de uma estratégia que visa disfarçar os catastróficos resultados do agronegócio. “Assim, transferir à humanidade a culpa da contaminação ambiental é uma sutil e perversa manobra, resguardando os verdadeiros responsáveis pela poluição e eximindo-os de suas responsabilidades, as empresas capitalistas” (Machado; Machado Filho, 2014, p. 132).

Há inúmeras dificuldades para se propor um modelo de desenvolvimento sustentável, pois competir com a Revolução Verde, imposta pelo cientificismo moderno; não é simples, usam-se as ideologias alienantes da hegemonia e a imprensa para mostrar como é mais fácil e prático continuar usando adubos químicos e agrotóxicos. Há um discurso de que a produção monocultora em grande escala para exportação é

que traz o progresso e que os modelos orgânicos, naturais e agroecológicos são ultrapassados.

Essas contradições vivenciadas no campo são discutidas também pela literatura, que se preocupa em trazer esse debate tão importante por meio da linguagem artística. A literatura, como diz Antonio Candido, tem uma função humanizadora, uma “capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem” (Candido, 1972, p. 77). Uma das autoras que tem tido um olhar atento sobre os temas campestres é Marli Walker que, por meio de poemas, traz à tona alguns conflitos estruturais.

MARLI WALKER: VIDA E OBRA

Marli Walker é poeta e romancista inspirada e inspiradora, mãe, avó, amiga educadora e doutora em Literatura (UnB). Leciona no IFMT (Instituto Federal de Mato Grosso) em Cuiabá, onde mora atualmente e integra o Coletivo Maria Taquara – “Mulherio das Letras/MT”, um grupo no Facebook e instagran, que atualmente conta com 4.200 integrantes (todas mulheres). “Movimento nacional de mulheres envolvidas com literatura; escritoras, designers, ilustradoras, profissionais em Letras. O objetivo desse coletivo é dar visibilidade ao trabalho das mulheres no mercado editorial, em colaboração umas com as outras”. Ali, elas marcam encontros, debatem, trocam experiências e fortalecem suas formas de escrita e as estratégias de publicação em um mercado que ainda é muito hostil às criações femininas (D’Angelo, 2017).

Marli se destaca cada dia mais como escritora em Mato Grosso, e seu nome e suas obras têm ganhado evidência em várias regiões do país. Mesmo sendo catarinense, afirma que o Mato Grosso é o seu estado, “é o lugar em que me tornei o que sou e onde finquei minhas raízes, eu sou de Mato Grosso e Mato Grosso é meu lugar no mundo” (Walker, 2021), afirma

a professora do IFMT. A autora chegou na região norte mato-grossense aos dezoito anos e viveu ali por mais de vinte anos.

Marli escreveu as obras poéticas *Pó de serra* (2006), *Águas de Encantação* (2009), *Apesar do amor* (2016), *Jardim de ossos* (2019) e o romance *Coração madeira* (2020); a obra mais recente é *Mulheres silenciadas e vozes esquecidas* (2021) que traz três séculos de poesia feminina em Mato Grosso.

Marli Walker é doutora em Literatura e Práticas Sociais (UnB/2013). Publicou vários artigos e tem recebido prêmios relacionados à literatura. A escritora Marli Walker foi empossada na cadeira 2 da Academia Mato-grossense de Letras (AML), no dia 14 de setembro de 2021.

Com uma carreira repleta de êxitos, consigno que no ano de 2016, sua obra: ‘Apesar do amor’, foi selecionada pelo Ministério da Educação para constar no PNLD – Plano Nacional do Livro Didático/2018, orgulho nacional para as letras e sobretudo, para todas as mulheres escritoras de Mato Grosso (Rodrigues, 2021, s.p.).

O livro *Apesar do amor* tem 57 páginas e 52 poemas. É dividido em quatro sessões: (RITOS INICIAIS 8 com poemas), (ATOS E OMISSÕES com 7 poemas), (MEA CULPA 28 com poemas), (EM NOME DA MÃE, DO FILHO E DO AMOR SEMPRE SANTO AMÉM com 9 poemas). É possível ler os poemas individualmente, mas também pode ser feita uma leitura contínua e sequencial do livro. Nesse caso é possível perceber um desencadeamento de acontecimentos que mostram uma progressão, sendo possível reconhecer, por meio

da organização estética da obra, o decorrer da vida humana com seus altos e baixos, dificuldades, desafios, encontros e reconhecimentos.

A forma como são divididas as sessões imitam os ritos de uma missa católica, uma celebração religiosa pré-definida que, de acordo com as tradições, são organizados rituais formais em que os participantes sabem as sequências das ações. A primeira parte do livro *Ritos Iniciais* começa com a *escritura*, título do poema que lembra a ideia da leitura bíblica, também conhecida por escritura sagrada, que normalmente é feita nos cultos religiosos, e o título do poema *verbo* faz alusão ao trecho bíblico encontrado no evangelho de João no capítulo 1, dos versículos 1 ao 14: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” ... “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Essa passagem contém a ideia do verbo ter e ser o poder divino da criação, ou seja, o verbo nesse caso é a palavra que tem o poder.

O segmento *Mea Culpa* traz no próprio nome a ideia de confessar, de pedir perdão, e nos poemas dessa sessão há conceitos relacionados com germinar, nascer, morrer, abortar e remete ao processo de nascimento de um inocente, lembrando também a situação do menino que tem tanta fome e que muitas vezes acaba morrendo por uma situação social tão adversa; nas palavras *oferenda* e holocausto, ainda segundo o mito cristão, pode-se pensar no Cristo que, sem pecado, morreu por um objetivo coletivo, em prol da humanidade culpada. O menino Jesus Cristo nasceu em uma manjedoura,

mostrando que a pobreza era uma realidade entre o povo; durante seu ministério na terra valorizou os pobres, cuidou dos necessitados e alertava sobre as desigualdades existentes na sociedade. E por meio de um processo sacrificial que o próprio Jesus passou podem ser partilhadas esperanças e o amor ao próximo, como é lembrada periodicamente nas igrejas por meio da *ceia*, pois nela há partilhas, mesmo na falta e na dúvida, como representa o poema:

Ceia

(para Mário César)

pelo sim pelo não preparou a ceia
se o alimento faltasse partiria o parco pão
e pelo cálice do amor esperaria (Walker, 2016, p. 6).

Essas incertezas como no ato de preparar a ceia sem saber ao certo se sim ou se não, “se o alimento faltasse” deveria haver a partilha do “parco pão”, e a espera “pelo cálice do amor”, todo o ato de celebração da ceia é um momento simbólico de entrega, sacrifícios, de partilha. O parco pão poderia ser partilhado, mesmo que isso significasse sacrifício, já que se trata de falta, de pouco. O cálice normalmente é de vinho representando o sangue de Cristo que foi derramado por amor, mas aqui há uma troca intencional, pois o que se espera é pelo cálice do amor. Ou seja, ainda há esperança.

A última parte do livro lembra a benção apostólica oferecida aos fieis no final das celebrações dos cultos nas igrejas cristãs: “*Em nome da mãe, do filho e do amor sempre santo amém*”. Há uma alteração intencional, que traz um

novo sentido para essa frase, pois no original sempre se diz “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo amém”. Essas mudanças nos poemas falam da partilha, do milagre, do êxodo, do amor, traz também Madalena, Virgem, Eva, Aparecida, representando as mulheres citadas na bíblia que são exemplos de vida, fé, esperança, coragem, força, amor e persistência.

Apesar do amor é uma obra de poemas de versos livres, permeado por figuras de linguagem, rimas e paralelismos sintáticos, recursos expressivos que proporcionam ao leitor e ouvinte possibilidades para que a vida seja percebida pelos olhos críticos e sensíveis do eu lírico, um olhar sobre a realidade social que aponta para os vários problemas que permeiam a sociedade, entre eles o modelo econômico promovido pelo agronegócio que resulta em um falso desenvolvimento social.

No livro *O ser e o tempo da poesia*, Alfredo Bosi (1977, p. 144), traz um debate sobre a Poesia Resistência; para o autor, a resistência tem muitas faces: “Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido; ora a melodia dos afetos em plena defensiva; ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida”. Nesse sentido, para o autor a poesia pode ser “nostálgica, crítica ou utópica”. Nos poemas de Marli Walker (2016) é possível perceber a poesia em alguns desses sentidos, principalmente o crítico.

2.1. A POESIA DE MARLI WALKER: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A REALIDADE

“A poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. Daí vêm as saídas difíceis: o símbolo fechado, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a autodesarticulação, o silêncio” (Bosi, 1977, p. 142). As especificidades do texto literário, que exigem mais do leitor, dificultam sua aceitação por boa parte do público leitor, que preferem a linguagem mais facilitada da cultura de massa; isso se deve grande parte pela falta de incentivo e acesso à literatura, que é um problema social.

O texto literário utiliza várias formas de dizer e de desdizer, de fazer pensar, refletir propor um olhar diferenciado mais crítico por meio de diferentes configurações visuais na composição dos poemas, os espaços vazios, palavras separadas ou ambíguas, os sentidos polissêmicos, a métrica, a rima, as figuras de linguagem, etc. Alguns desses recursos estilísticos aparecem no poema “brinde”:

brinde

(para Aclyse)

doses secas e quentes da história
ressoam no tilintar da taça
que

bra

da

(Walker, 2016, p. 16).

Nesse poema, pode-se verificar o emprego da metáfora do brinde e da ambiguidade da palavra “quebrada”, que muda o sentido apenas pela forma como são dispostas as sílabas poéticas. Olhe que os sentidos são totalmente diferentes: “taça que brada”, no sentido de comemoração com brado ou grito; e “quebrada” no sentido de destruição, feita em pedaços, fragmentada, partida ou fraturada. Contradições e estranhamento também ao se imaginar “doses secas e quentes da história”, que transmitem a ideia de realidade contundente, dura e abrupta, capaz de causar rupturas das idealizações.

Os poemas de versos curtos dialogam entre si, e o livro é um todo denso e complexo, evidenciando contradições da vida social. Nas primeiras composições pode-se encontrar a metalinguagem, recurso em que a linguagem reflete sobre a própria linguagem e, no caso aqui, a poesia falando sobre a poesia.

Nos poemas *escritura*, *acordo*, *verbo* e *refeição*, a metalinguagem é usada pelo eu lírico, revelando os significados da poesia resistência na interação com o leitor:

escritura

finíssimo gosto macio
tanto fio e tanta vinha
é tua mão ou a minha? (Walker, 2016, p. 5).

Nos versos “é a tua mão ou a minha?”, há um questionamento que propõe a reflexão sobre o posicionamento que cada um exerce em seu contexto social, de qual mão é a responsabilidade da escrita? As repetições das consoantes ‘f’,

‘t’ e ‘m’ produz um efeito sinestésico, que vai montando uma imagem dessa mão que vai produzindo com fio, tanta vinha rima com a minha e afinal quem serve o vinho, vindo dessa vinha? Finíssimo gosto que tem duas possibilidades: o de saborear e gostar. Como cada um pode, por meio de suas histórias e memórias, contribuir com uma memória coletiva, registrar uma escritura, fio a fio feito com finíssimo gosto macio? tanto fio que vai tecendo a História humana.

acordo

promessas não são feitas pra poesia
porque palavra prometida é lei
e poesia é palavra leito
sem promessa
réu confesso
trato feito (Walker, 2016, p. 6).

É interessante salientar que a no trecho “a poesia é trato feito, sem promessa”, o eu lírico aponta a poesia leve, não imposta, mais livre, o que deixa o leitor mais à vontade para aproveitar o prazer de se deixar envolver pela poesia. A poesia é a fala da alma, do sentimento, pode sensibilizar qualquer ser humano, a poesia reclama seu espaço e sua vez nesse mundo conturbado, mas não exigindo o cumprimento de uma promessa ou de uma lei que deve ser executada, a poesia é “palavra leito”, onde as pessoas podem se aconchegar, um “trato feito” de forma amigável, é “réu confesso” que sabe o que fez e assume a responsabilidade pelas consequências que a poesia pode causar na sociedade.

refeição

(para Rosana)

contanto a mesa estivesse posta
e a página marcada
serviu-se da leitura sem hesitar (Walker, 2016, p. 9).

Como a oportunidade de se saciar caso a “mesa estivesse posta ...serviu-se da leitura sem hesitar” A literatura possibilita novas formas de percepção e significação da realidade, como nos versos de um poema, em um conto, romance ou cordel. Servir-se da leitura é um prazer que poucos podem desfrutar, por vários motivos, e ter a página marcada pode-se pensar sobre que tipo de sinalização que deve ser feita nas páginas da vida que fazem mais sentido, ou que precisam ser melhor analisadas ou relidas. A mesa está posta, mas não são todas as pessoas que têm acesso ao banquete da leitura e nessa sociedade nem todos tem o poder de saciar-se sem hesitação.

Na poesia, pode-se representar e contar uma história, pode-se trazer uma compreensão de mundo diferente, que relaciona o antes e o agora, de um indivíduo ou de uma família, de uma época, de uma nação. Enfim, a poesia pode representar a história e as relações humanas. No poema *Verbo*, fica evidente essa intenção poética. É um querer dizer e soltar o verbo, esse elemento gramatical capaz de dar voz, dar vida e trazer à tona questões fundamentais da sociedade. “O poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o

fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia” (Bosi, 1977, p. 140). Verbo expressa o poder.

verbo

não dizer
é afogar
no próprio sangue
o filete de ar
e morrer
dizer
é ferir à faca
a palavra
e sangrar
até viver (Walker, 2016, p. 7).

Esses versos trazem a questão da corporeidade como se a linguagem fosse extensão ou parte essencial do corpo, passível de ser ferida fisicamente. Esse “dizer” mostra-se como necessidade vital para o poeta, porém, pode ser doloroso ao mesmo tempo, pois implica em deslocamentos e rupturas com estruturas e verdades socialmente estabelecidas, o que nem sempre pode ser fácil e agradável não apenas pelo confronto com o sistema imposto, mas também pela própria dificuldade inerente ao ato criativo em si. Paradoxalmente se esse “sangramento” não se realiza, ocorreria o sufocamento da palavra e, portanto, a morte da poesia ou do poeta.

Normalmente o sangue, que ocupa partes internas do corpo, quando sai de seus compartimentos interiores e ganha a superfície, em caso de ferimentos, transgride fronteiras corporais, o que pode causar mal-estar. No poema, a palavra faz-se corpo, e o sangue, tido simbolicamente como fluido fundamental e essencial à vida (poesia), vem à tona pela ação da

faca, dando a ideia de transgressão de fronteiras da linguagem ao sugerir novos significados capazes que questionar e colocar em xeque realidades instituídas e verdades pré-estabelecidas. Isso sem falar na inovação ou renovação da própria linguagem ao se fazer poética. Esse processo se impõe como uma necessidade fundamental e vital para o poeta, ao mesmo tempo que se faz doloroso, angustiante e difícil.

Os versos “é ferir à faca a palavra/e sangrar/até viver” mostra a vivacidade, o pulsar da palavra, da poesia, pois “não dizer/é afogar no próprio sangue/o filete de ar/e morrer”. É preciso falar, há necessidade da poesia se fazer ouvir. Por meio da poesia é possível seguir os caminhos da sensibilidade, emoção e imaginação.

No poema “tropel”, nota-se que a forma, disposição e a marcação das palavras e sílabas estão estruturadas de maneira a possibilitar a interpretação da uma situação “delimitada tão”, “cercada tão” “freada tão”, que não se desenvolve de forma fluída, mas sim travada, esse tropel assustado do tempo traz um pensar mais crítico sobre a vida “tão, tão, tão” indiferente às necessidades sociais. “A pulsação regular manifesta o caráter implacável da visão e da emoção que ela produz. Ambas não cessam, não mudam, recomeçam a cada instante na uniformidade quase feroz do anapesto (Candido, 1984, p. 43); esse estilo de escrita enforma o poema e define uma situação cuja força opressiva parece eterna.

tropel

(para Luzia)

o tropel assustado do tempo
 pisoteia a cancha tão
 delimitada tão
 cercada tão
 freada tão
 tão tão
 tão (Walker, 2016, p. 11).

A palavra “tropel” transmite a ideia de um andar tumultuado tanto de pessoas como de animais de forma impetuosa, e, no poema, o ritmo, com essa repetição do termo “tão” nos versos, faz uma alusão ao galopar ou trotar de animais, como cavalos. A aliteração dos fonemas “t” e “p” mostra-se como um recurso estético utilizado para intensificação do ritmo ou do efeito sonoro significativo do pisoteio. Esse poema dialoga com o poema “Meu sonho”, de Álvares de Azevedo:

[...]

Onde vais pelas trevas impuras
 Cavaleiro das armas escuras
 Macilento qual morto na tumba?
 Tu escutas... na longa montanha
 Um tropel teu galope acompanha?
 E um clamor de vingança retumba?

[...]

(Candido, 1984, p. 43).

É possível ao perceber um ritmo sequenciado e contínuo, pronunciando bem de leve as sílabas átonas, e com bastante força as tônicas pode-se notar que “a sonoridade expressiva “rende” o máximo”, é possível perceber que o ritmo figura o

galope desvairado e o seu tropel martelado” (Candido, 1984, p. 43). Além disso, a repetição da palavra “tão” aponta para a marcação de compassos rítmicos que aludem também ao som de relógios em funcionamento e, portanto, à passagem inexorável do tempo.

As palavras “tempo” e “tropel” indicam a impossibilidade de se controlar e frear o tempo que passa como um rebanho em disparada que, “assustado”, “pisoteia”, “delimita”, “cerca”, “freia” de forma “tão” implacável a “cancha”, ou seja, o “caminho” a ser percorrido está fortemente pré-determinado e impõe uma percepção fixa, linear e instituída do tempo capaz de “atropelar” quem a ele se opõe.

O eu lírico, por meio dessa metáfora do tropel, questiona a forma contemporânea de concepção do tempo que passa de forma acelerada, inexorável, desumana e sufocante, à revelia de reflexões e redimensionamentos. Outro poema que traz a metáfora dos cavalos é *O rondó dos cavalinhos*, de Manuel Bandeira, em que o autor humaniza os cavalinhos e animaliza o homem.

O rondó dos cavalinhos

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Tua beleza, Esmeralda,
Acabou me enlouquecendo.
Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O sol tão claro lá fora,
E em minh’alma — anoitecendo!
Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...

[...]

Os cavaleiros correndo,
 E nós, cavaleiros, comendo...
 O Brasil politicando,
 Nossa! A poesia morrendo...
 O sol tão claro lá fora,
 O sol tão claro, Esmeralda,
 E em minh'alma — anoitecendo!
 (Candido, 1984, p. 69).

A palavra “tão” também aparece repetidamente como no poema de Marli. O uso do gerúndio dá uma ideia de continuação ininterrupta, de ações como num trotar tumultuado: correndo, comendo, enlouquecendo, correndo, comendo, anoitecendo, comendo correndo morrendo, anoitecendo... E Brasil politicando e a poesia “morrendo”. Antonio Candido (1984, p. 70-72) analisa esse poema: “Se confrontarmos a variação de ritmo do dístico com o sentido expresso, notaremos o seguinte: ‘os cavalos de corrida estão correndo no prado, mas em ritmo deslizado’”; a corrida de cavalos acontece enquanto ocorre uma reunião social em que os homens, parecendo cavaleiros comem num ritmo galopante.

Candido (1984, p. 71) aponta uma “contradição, levando a crer que haja um juízo de valor implícito na diferença dos ritos”. Esses ritmos encontrados nos poemas, as repetições intencionais, aliterações, metáforas, personificação, anáforas, figuras de linguagem organizam um efeito “que aprofunda e dá consistência estrutural à comparação do homem ao cavalo”, e a forma como são organizados os versos aumenta o efeito de corte e parada; “há portanto, um notório efeito de contraste no plano do ritmo” que aponta para a animalização do ser humano.

Outro tema evidenciado nos poemas da obra *Apesar do amor* é a mulher, mãe, preocupada com seus filhos, angustiada diante das dificuldades, esperançosa, sempre semeando amor. No poema *mãe*, há uma representação da mulher como alguém que enfrenta problemas na sociedade excludente, machista e patriarcal:

mãe

milagre mesmo
 era dar de comer aos filhos
 era parir sem pai os filhos
 era sorrir pra dentro ao projetar o seio na boca do
 pequeno
 era ainda doar alguma sobra de amor que fosse
 ao menino filho da mãe (Walker, 2016, p. 50).

As expressões “parir sem pai”; “doar alguma sobra de amor”; “milagre mesmo”; “dar de comer aos filhos”; “sorrir pra dentro” e “menino filho da mãe”, por exemplo, evidenciam problemas de ordem familiar, social e afetiva que afetam essa mãe e mulher. O desejo de ter uma profissão socialmente reconhecida é uma pré-condição para que mudanças ocorram ao nível das relações homem-mulher, já que o trabalho da mulher, tanto dentro de casa como fora, não é valorizado (Carneiro; Teixeira, 1995).

As mulheres que doam nem que seja as sobras de amor, mas é interessante chamar atenção para a expressão “filho da mãe” pode ser considerado como ofensa, em conotação ofensiva, é usada como palavrão, com significado pejorativo, dependendo do contexto e da entonação da voz serve para desqualificar a mãe de alguém, ou a própria pessoa que está

sendo ofendida, o que gera uma grande contradição pois todas as pessoas são necessariamente filhas de uma mãe.

No campo as dificuldades são bem evidenciadas para as mulheres campesinas que carregam o fardo de dupla e tripla jornada de trabalho para não cair na tão temida miséria. Assumindo múltiplas funções, com a enorme responsabilidade de ser muitas vezes o sustento físico e psicológico familiar, a angústia diante dessa realidade fica evidente no poema fome.

fome

miséria pouca é bobagem
dizia de si para si
o homem indiferente

a mãe com sua renca de filhos famintos
olhava com vagar aquele mar de grãos
passava ao largo daquela fartura
daquela comida madura
com sua renca de filhos da mãe
(Walker, 2016, p. 26).

As mães com sua “renca” de filhos que nem sempre conseguem alcançar o desejável, nem mesmo o básico para a sobrevivência adequada, muitas vezes se culpam e sofrem diante das desigualdades sociais e da indiferença “ter que passar ao largo daquela fartura, daquela comida madura” e continuar com fome e ver “sua renca de filhos famintos”. Deve-se haver com esse ciclo de miserabilidade do homem indiferente e das mulheres e suas crianças sofrendo famintos.

É preciso do reconhecimento do poder público relacionado às mulheres como trabalhadoras e cidadã para

que essa miséria deixe de existir. Que as mães não fiquem com seus olhares vagos diante do mar de grãos que não é seu, pelo contrário que haja políticas públicas adequadas à realidade vivenciada diariamente dessas mulheres e seus filhos tenham condições adequadas para se ter fartura de comida.

Na última parte da obra *“Em nome da mãe e do filho e do amor sempre santo amem”* a mulher aparece partilhando pão, arroz e feijão e os milagres de deus, repartindo pão e amor, doando eucaristia, tão maria como as outras, puro afeto, amiga, amante, mulher. No último poema fica evidente uma feminilidade que faz alusão ao mito cristão. Há muitas contradições “santa e pagã”, “pecado e poço de vida”, “morta viva”:

Mulher

(para Mari Bueno)

ventre repouso do homem
vem de deus a tua lida
Virgem Eva Aparecida
imagem santa e pagã
elã do mundo imundo
pecado e poço de vida
esquecida apedrejada
morta viva maculada
(rogai por nós
mãe querida) (Walker, 2016, p. 45).

O “ventre da mulher” é o “repouso do homem”, nesse verso está contida a essência da vida humana, a criação, a fertilidade e a reprodução. A lida que vem de deus pode ser analisada como o trabalho ontológico no sentido de produção de vida (positivo) e como castigo (negativo) “Na tradição cristã,

o trabalho foi associado ao castigo e sofrimento, mais ainda, castigo merecido, indiscutível, aplicado pela Divindade, e que acompanharia o Homem durante toda a sua existência” (Vieira, 2010, p. 350). Eva que aparece no poema é a mesma Eva que sofreu a punição no paraíso. Essa mulher que agora Virgem Aparecida é a representação da Santa mãe de Jesus que teve várias aparições para fiéis em diferentes situações e lugares se tornando uma santa, inclusive a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, venerada na igreja católica, é a padroeira do Brasil.

Nas entrelinhas desse poema *mulher* há várias passagens bíblicas: criação da humanidade no paraíso (Eva), Virgem (Maria escolhida para ser a mãe do Salvador Jesus), poço de vida (mulher Samaritana que encontrou Jesus no poço), a esquecida (mulher do fluxo de sangue que era desprezada por ser considerada imunda e foi curada por meio do toque), a mulher adúltera (que seria apedrejada, mas foi salva pelo amor e compreensão).

Maculada (mulher/prostituta do jarro de alabastro – que derramou o seu balsamo pessoal nos pés de Jesus e enxugava os pés do mestre com seus cabelos, numa demonstração de carinho e amor, independente dos olhares discriminatórios dos fariseus e pessoas “imaculadas” que a julgavam) “Rogai por nós mãe querida” para algumas religiões como a católica, acredita-se que a mãe de Deus, a “mãe querida” e amorosa está intercedendo por todos seus filhos que estão na Terra, ela serve de elo entre o povo e seu filho Jesus. Essa mulher que representa todas as mulheres, tão maria quanto as outras,

maculadas, vivas e mortas que são encontradas na obra *Apesar do amor* constroem e constituem a história humana.

2.2. O MENINO COMO METÁFORA DA AGRICULTURA FAMILIAR

A desigualdade social e os problemas econômicos são evidenciados de forma indireta; fome, preocupação, consciência da morte e esperança, são alguns dos temas implícitos e explícitos que aparecem em todo o livro. O “menino” na obra de Marli Walker é uma metáfora que aparece em vinte e oito poemas da obra, mas o mesmo sentido dele também pode ser encontrado nas palavras embrião, filhos e anjos.

Essa metáfora do menino usada na poesia da Marli Walker pode ser compreendida como a representação das crianças, as novas gerações que, na sua inocência e dependência, carecem de cuidados para poderem exercer influências na sociedade futuramente. Há um debate sobre a oposição em relação ao modelo agrícola latifundiário descrito na obra *Apesar do amor*.

Por isso é possível que esse menino também possa ser entendido metaforicamente como a personificação da agricultura familiar uma vez que ela é pequena, dependente e carente de cuidados, com menos recursos para se desenvolver devido às dificuldades de acesso às políticas públicas para sua

implementação. Um setor agrícola que envolve muitas famílias em todo o Brasil, responsável pela produção de grande parte da alimentação nacional, mas que é menos assistida e que não tem as mesmas oportunidades que o agronegócio tem em nosso país.

As últimas décadas têm sido marcadas por profundas mudanças estruturais, tanto no campo quanto na cidade, e a identidade camponesa também tem sofrido muitas transformações. A região norte mato-grossense tem um histórico de luta entre agricultura familiar e o poder do agronegócio bem parecida com a realidade vivenciada em outras regiões do Brasil, compondo uma luta desigual.

Enquanto próximo do centro das cidades há monocultivos e grandes latifúndios, com facilidade e incentivo de acesso a créditos, os assentamentos de reforma agrária são distantes, havendo dificuldades para acionar financiamentos, má conservação das estradas, falta de acesso à educação técnica e superior e internet de qualidade; falta também organização para garantir renda adequada aos jovens, lazer e incentivo à eventos culturais, etc. Essas são algumas das dificuldades enfrentadas diariamente pelos camponeses que interferem na formação identitária desses povos.

Nesse contexto de conflitos agrários, a literatura tem um papel fundamental, pois também os representa na obra literária. Como afirma Antonio Candido (2004), a literatura é um direito humano necessário e imprescindível, tendo condições

de demonstrar algumas verdades escondidas na realidade tão cruel do dia a dia do camponês e, nesse sentido, Marli Walker, em seu livro *Apesar do amor*, aborda essa região e questões de forma estética, através de sua arte poética, promovendo leituras críticas da sociedade.

A obra *Apesar do amor* é composta por uma poesia engajada e de denúncia, que consegue condensar os mais variados problemas humanos. Há uma criteriosa seleção e combinação rítmicas, quebras de linhas e de palavras, demonstrando atenção à forma ou esquemas estruturais. No poema *norte* já se pode perceber um pouco das temáticas relacionadas ao campo como problemas ambientais, sociais e estruturais que permeiam todo o livro:

norte

há o silêncio encolhido nos restos de paisagem
há o solo recortado
há promessas que se foram
e há vida que não foi
há o susto
o injusto
o sujo
o feio
há o sangue no seio da espera
paraíso de leite e mel
partido ao meio (Walker, 2016, p. 15).

Percebe-se, nesse poema, a decepção do eu lírico presente principalmente na discrepância entre a promessa de fartura e vida digna para quem migrasse para a região norte do país, “há sangue no seio da espera/paraíso de leite e mel” e a dura realidade dos sacrifícios e violências devido às

disputas pela terra. “partido ao meio”. “Há o solo recortado” faz referência às divisões de terra pelo governo, fazendeiros e grileiros.

“Há promessas que se foram” representa o Ideal paradisíaco quebrado, ou seja, a propaganda que seduzia imigrantes para povoarem o norte do Mato Grosso, promovida pelo governo federal, era desmentida nos primeiros anos, pois esses trabalhadores não tinham apoio financeiro nenhum para investir em suas parcas terras para plantar e colher. O poema *Entressafra* ilustra bem essa contradição:

entressafra

se houve um tempo de semeio
se houve um tempo de seara
houve pão se não está na mesa do menino?
(Walker, 2016, p. 23).

Tanto no poema *norte* como no *entressafra* aparecem o paralelismo sintático nas repetição do verbo “haver”: “há o silêncio, há o solo recortado, há promessas, há vida, há o sangue” e nas orações “se houve um tempo de semeio, se houve um tempo de seara”; essa repetição de ideias pode representar as contradições e injustiças sociais como fica evidenciado nos versos “há o susto, o injusto, o sujo o feio”, elementos negativos. “Houve pão se não está na mesa do menino?” Faz referência à concentração injusta das riquezas produzidas pela terra.

No verso “paraíso de leite e mel” foi “partido ao meio” há uma alusão à passagem bíblica da busca dos hebreus pela

Terra Prometida, a qual verteria leite e mel em abundância. De certa forma os migrantes do sul também comungavam com a ideia da região norte como se fosse um tipo de “terra prometida” não por Deus, mas pelo governo da época, que de ‘divino não tinha nada’. Muitos na ilusão de uma vida excelente chegaram nas cidades norte mato-grossenses sem a mínima infra estrutura necessária para garantir uma vida de qualidade para suas famílias, a precariedade era evidente em todos os setores.

A fome era uma constante na mesa de trabalhadores rurais, o que contrasta com a imagem de abundância construída no imaginário do camponês antes de migrar para o norte de Mato Grosso. Ainda sobre o poema *entressafra* o verbo impessoal no pretérito perfeito “houve” aponta para uma ação terminada, ao mesmo tempo em que a conjunção “se” aponta para a contradição, pois “se houve um tempo de semeio”, “se houve um tempo de seara”, não deveria haver a falta de pão na “mesa do menino”.

Nesse poema *entressafra* há um questionamento que demonstra a incoerência entre fartura e escassez, pois o eu lírico sabe ironicamente que houve sim “pão”, mas não na mesa do menino. Nota-se, então, a percepção da desigualdade social, na medida em que o pão se faz presente na mesa de poucos, ao mesmo tempo em que falta para muitos, tema evidenciado também no poema aborto:

aborto

a fome que vira nos olhos do menino
tinha o gosto da comida que sobrava em sua mesa
maldita mesa que não repartiu
(Walker, 2016, p. 26).

O aborto com certeza é um tema polêmico que tem sido amplamente discutido atualmente, muito se fala dos fetos, mas pouco dos ventres que carregam esses meninos; o eu lírico nesse poema não deixa explícito, mas se pode notar que esse bebê abortado sofreu com a dificuldade da mãe diante da fome de sua família, diante de uma “mesa maldita que não repartiu”. A comida que sobra na mesa tinha o gosto da fome. Pode-se até mesmo lembrar da passagem bíblica no evangelho de Mateus (15:27) em que a mulher cananeia se compara com um animal “mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos!”. Animalização do ser humano diante da realidade tão cruel, porém muitas vezes nem mesmo as migalhas são disponibilizadas, resultando em mortes.

O eu lírico aponta para a fome expressa nos olhos do menino e, principalmente, para a injustiça social, que causa distribuição desigual dos alimentos produzidos ao promover abundância para poucos e miséria para muitos. Há uma ambiguidade do termo: “vira” pode significar “ter visto” e “virar”, que alude à mudança de mirada, talvez para a morte devido à fome. O menino esfomeado, na medida em que se faz símbolo de gerações futuras, compromete e desconstrói, metonimicamente, o ideário paradisíaco escolhido para definir

o estado de Mato Grosso como terra de oportunidades e de abundância.

É importante salientar que mudanças muito significativas nas identidades camponesas ocorreram com a implantação da Revolução Verde¹ e, com ela, a destruição do meio ambiente para plantio de monocultivos, aumentando os conflitos latifundiários, nesse contexto de mundo globalizado, em que pessoas são obrigadas a sair de seus territórios. As contradições ficam evidentes por meio do poema *destino*.

destino

entre uma e outra safra
não se colhe para a fome
a colheita é o capital
na capital que é sem nome (Walker, 2016, p. 31).

O agronegócio tem proporcionado altos lucros à elite econômica da região norte do estado do Mato Grosso, na medida em que “a colheita é o capital”, e não a coleta do alimento que mata a fome. A capital sem nome aqui pode significar o império de um capital econômico globalizado e invisível, na medida que tem representantes não apenas da elite local, mas também de vários outros lugares do país e do

1 Revolução Verde é o modelo de produção agrícola em larga escala, com uso de tecnologias como fertilizantes e sementes geneticamente modificadas, que acaba trazendo profundos danos ao meio ambiente. Teve sua expansão a partir da década de 1960 e marca um período de grandes mudanças na forma pela qual a produção agrícola é vista no mundo, privilegiando alguns grupos minoritários em detrimento de povos do campo, os quais têm sofrido com a expansão do agronegócio, que tenta “expulsá-los” de suas terras (Polon, 2014).

mundo que investem no agro, e não apenas tecnologicamente, mas também no mercado “improdutivo” de ações.

Também pode-se interpretar que a cidade de Sinop pode ser também a representação dessa capital a que se refere o poema destino. O termo “Sinop” é uma sigla que significa “Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná”, ou seja, não é um nome. Nesse sentido, a capital perde sua especificidade e diversidade, tornando-se apenas mais uma capital (igual a tantas outras) dominada pelo capitalismo neoliberal que pasteuriza as diferenças, não aceitando quem a ele se opõe (como os pequenos e médios agricultores).

Sendo assim, Sinop se torna apenas a “capital do nortão ou do agronegócio”, índice de identidade que se quer uno e único (por isso “sem nome”, sem variedade, sem característica específica própria – como as culturas indígenas, por exemplo. Aliás, onde estão os indígenas que viviam aqui?). Contrapondo-se ao discurso de apologia ao progresso, o eu lírico aponta para a verdadeira intenção dos produtores: não resolver o problema da fome, pois “não se colhe para a fome”, e sim de continuar mantendo o próprio capital protegido e em crescimento. Muitos sem terras e poucos com muita terra, alimentos envenenados, doença no corpo e na alma, como reflete o poema lavoura:

lavoura

o alimento ainda verde na lavoura
o menino ainda verde e pequeno
o veneno do homem
no destino dos dois (Walker, 2016, p. 22).

Acesso à terra, igualdade/equidade, alimentação saudável sem veneno, uma sociedade mais justa sem estar envenenada com a desigualdade social, como será o destino do homem e da sociedade? O menino verde porque ainda não maturou? Ou pode ser que esteja verde por estar adoentado e sofrendo por algum tipo de desnutrição, contaminado com venenos. Contudo, a conquista real de uma vida mais justa e humana, na prática cotidiana, ainda não é uma realidade na maioria das regiões do Brasil, pois ainda não foi concretizada a Reforma Agrária como os povos do campo almejam e necessitam.

São muitas as contradições existentes nesses processos; como afirma Bosi (1977, p. 145): “A ideologia² procura compor a imagem de uma pseudototalidade, que tem partes, justapostas ou simétricas (‘cada coisa em seu lugar’, ‘cada macaco no seu galho’), mas que não admite nunca as contradições reais”. É tão forte o poder dominante da ideologia capitalista neoliberal³ que não há movimentos sociais significativos de resistência que consigam mudar essa realidade.

2 Ideologia, do ponto de vista do marxismo, seria um conjunto de proposições elaborado, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe.

3 Neoliberalismo é uma doutrina econômica e política que surgiu no século XX baseada em teóricos, como Ludwig Von Mises e Friedrich Hayek, opondo-se à teoria keynesiana de bem-estar social, além de uma visão econômica conservadora que pretende diminuir ao máximo a participação do Estado na economia (Porfírio, s/d).

2.3. A “POESIA RESISTÊNCIA” EM APESAR DO AMOR

A poesia, com suas múltiplas possibilidades comunicativas, traz debate sobre o sistema capitalista que exerce o domínio sobre a sociedade, e para mantê-lo utiliza meios de comunicação de massa. “As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi-se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de status” (Bosi, 1977, p. 141). Todos os setores da sociedade foram atingidos pelo processo imposto pelo capitalismo.

A poesia tem sofrido para provar seu valor e sua utilidade nessa sociedade: “ou quererá a poesia, ingênua, concorrer com a indústria & o comércio, acabando afinal por ceder-lhes as suas graças e gracinhas sonoras e gráficas para que as desfrutem propagandas gratificantes?” (Bosi, 1977, p. 142) é real o fato que até mesmo na escola a poesia tem perdido seu espaço, com a necessidade urgente de objetivismo, a subjetividade, o pensar sobre si e as reflexões sobre o mundo têm ficado à margem, pois as ciências humanas não são tão valorizadas e muitos acreditam que o acesso à literatura é necessário apenas para as profissionais de áreas específicas como professores de língua portuguesa, por exemplo:

os poetas também vivem uma tensão entre o seu universo subjetivo, que é múltiplo, e as forças hegemônicas, sejam do capital ou do Estado. Essa

tensão seria a matriz de uma poesia de resistência. Quando escrevi *O ser e o tempo da poesia* em 1977, destinei um capítulo inteiro ao conceito de poesia resistência e verifiquei que há mais de uma forma de resistência. A forma mais evidente é a poesia de crítica social, de ataque, de sátira. Mas não é a única. Às vezes o poeta entra muito dentro de si mesmo e sua forte carga subjetiva involuntariamente se opõe àquilo que é a prosa do mundo, a prosa ideológica (Bosi, 2015, p. 9).

Fazer-se ouvir é uma luta constante de resistência da poesia, e para debater sobre as ideologias e a subjetividade muitas vezes parece que faltam palavras para expressar as imagens mentais que a mente humana é capaz de produzir, por isso tantas vezes os poetas fazem uso das mais diferentes formas de linguagem, pois “Um verso construído como enunciado direto da ideia requer mais palavras para atingir o que pretende do que um verso construído por metáforas, - que podem em muito poucas palavras condensar uma alta carga expressiva” (Candido, 1996, p. 121).

Corrêa (2009) destaca ainda que a literatura tem um papel importante na sociedade, pois nos faz refletir sobre a nossa condição, nos fazendo entender em profundidade a subjetividade do ser social. É pensar o mundo numa perspectiva da crítica estética marxista. A arte faz ver a vida cotidiana de forma mais integralizada, enquanto a sociedade nega essa visão de totalidade, impondo apenas fragmentos.

As artes em sua sede de se fazer perceber, busca nos “elementos passíveis de expressividade poética, que depende

da organização dada pelo poeta ao seu conjunto, formando um sistema, que é o poema” (Candido, 1996, p. 98) de forma reflexiva e provocativa sobre temas reais que englobam a vida cotidiana, como é o caso de poemas de alguns autores, que retratam a realidade agrária do agronegócio.

Bosi (1977, p. 187) afirma que o discurso poético é um trabalho que se faz “no tempo do corpo (som, imagem) e no tempo da consciência enquanto produz sentido e valor”. A poesia é resistência quando aponta para aquela realidade contra a qual vale a pena lutar. Para o autor, “resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro”. E essa resistência poética é evidenciada nos poemas da obra *Apesar do amor*.

A poesia utiliza várias artimanhas para se fazer ouvir: a comunicação subjetiva, os sons que “ressoam no tilintar”, a musicalidade, o ritmo, a entonação, pausas, pois “como o ritmo faz parte da vida de qualquer pessoa, sua presença no tecido do poema pode ser facilmente percebida por um leitor atento, que é, ao mesmo tempo, um ouvinte” (Goldstein, 1999, p. 2). No poema *oferenda* pode-se encontrar as rimas formadas pelos termos “viver-morrer-perder”, “desperdiçar-vegetar-jogar” e “semente-lentamente”. Esse recurso estético possibilita ao poema maior musicalidade e movimento para ajudar na significação.

oferenda

entre viver
e morrer
estava a questão a saber oferenda
holocausto
desperdiçar a semente
ou vegetar lenta(mente)
e jogar tudo a perder (Walker, 2016, p. 28).

As antíteses e os paradoxos encontrados nos versos do poema *oferenda* promovem várias reflexões: “viver” e “morrer”, “holocausto” e “oferenda”, “desperdiçar a semente” ou “vegetar”, mostrando o conflito entre um caminho mais destrutivo e outro que seria mais construtivo e promotor de vida. Porém, o verbo “vegetar” pode estar associado à ideia de crescer e desenvolver, se for relativo às sementes ou plantas, mas também pode ser lido no sentido de vida de inércia, alienação, sem percepção crítica da realidade.

E a palavra “lenta(mente)” aponta para uma crítica à forma lenta dos processos de desenvolvimento, seja de plantações e cultivos, mas também da dificuldade de se mudar mentalidades ou a própria mente. O aparente paradoxo parece indicar um caminho sem saída, pois as opções seriam “desperdiçar a semente”, “ou vegetar lenta(mente)/e jogar tudo a perder”, ou seja, não haveria esperança de vida nesse momento, e sim a constatação de que só haveria caminhos destrutivos, dentro desse contexto de realidade. A conjunção aditiva “e” aponta para situação inevitável: “e jogar tudo a perder”.

O poema *fardo* fala de uma canseira quando se leva um fardo muito pesado como tem levado os agricultores familiares. É um sofrimento diário tentando alcançar um equilíbrio:

fardo

equilibrar-se
sobre o movediço chão sobre o estar ou não sobre a
fina corda
do sem sentido
o arredio e faminto sentido tão perseguido em vão
(o equilíbrio cansa tanto) (Walker, 2016, p. 8).

Esse equilíbrio almejado do “movediço chão do estar ou não” pode ser compreendido como a falta de implementação das políticas públicas, sociais, ambientais e econômicas. O sentido tão perseguido em vão. Qual sentido da vida? Esse “chão movediço” o “estar ou não sobre a fina corda” é um equilíbrio cansativo, há que se esforçar muito para alcançá-lo. Imagina-se uma vida de instabilidade, que a qualquer momento pode-se cair por terra, uma terra sem estrutura, sem um fundamento sólido, bem ao contrário da terra necessária para se estabelecer um lar, um plantio, uma casa.

Esse chão movediço impossibilita planejamento de futuro, não se tem esperança nem garantia. Essa expressão “arredio e faminto” faz pensar sobre a escassez, dificuldade, o “sentido” personificado na figura de um tipo animal que está sofrendo pela falta do básico e sem proteção se afasta voluntariamente, e se esconde, faminto pode apontar para todas as inúmeras reivindicações voltadas para a realidade camponesa.

As reivindicações são muitas, mas com certeza a principal necessidade é o acesso à terra para plantar e por melhores condições de trabalho e renda, e ainda por uma política agrícola mais adequada com por preços justos que garantam a produção e a permanência da família no campo, diminuindo a desigualdade na luta constante entre o agronegócio e a agricultura familiar, porém a estrutura fundiária precisa de modificações como alerta os poemas: *margem* e *vala*.

margem

(para Maria Ivonete)

fio e farpa
cerca infame
isto é meu
isto é teu
teu pedaço de desejo
é despejo
é a parte que te cabe
menino filho de deus (Walker, 2016, p. 38).

vala

abre a terra
cava o chão
faz da cova coração
vão aberto para o grão
vala aberta ao menino
grão pequeno
sem destino (Walker, 2016, p. 25).

“Isto é meu” e “isto é teu” traz a ideia do latifúndio, e “a cerca infame” com “fio e farpa” impedem o desenvolvimento do pequeno produtor, já que o “pedaço de desejo” do agricultor é o “despejo” de suas terras, ou a impossibilidade de acesso a ela, isso é o que cabe aos povos do campo: a falta. Esses

trechos “é a parte que te cabe” e “vala aberta ao menino” dialoga com o poema “Funeral de um lavrador” da obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto:

Esta cova em que estás,
 com palmos medida
 É a conta menor
 que tiraste em vida

É de bom tamanho
 Nem largo nem fundo
 É a parte que te cabe
 Deste latifúndio (Melo Neto, 2007, p. 1).

Qual a parte desse latifúndio que cabe aos povos do campo? “Está de bom tamanho” diz o homem indiferente, medida com palmos, a “cova” é a única coisa que está garantido ao lavrador, e “nem largo e nem fundo”, pouca terra. Esse diálogo entre as obras traz uma reflexão profunda sobre a realidade e a desigualdade social alarmante, a terra que se tem disponível tanto para o lavrador quanto para o menino está relacionada com suas mortes e enterros. “Vão aberto” é para que o grão seja plantado, ele já tem um destino certo. Mas ao menino, um “grão pequeno”: “sem destino”.

No poema “Morte e vida Severina” o eu lírico fala sobre a “morte severina”, de muitos Severinos, “iguais em tudo na vida” e Marli chama atenção para a “semente severina” que o guri deve levar e esparramar:

[...]
 Somos muitos Severinos
 Iguais em tudo na vida
 Morremos de morte igual
 Mesma morte severina (Melo Neto, 2007, p. 1).

apesar do amor

(para Paulo César)

toma o que é teu
 menino
 que tua mão é concha
 reparte a promessa
 leva pra outro guri
 a semente severina
 esparrama à mancheia
 semeia fruto e flor
 esta terra é toda tua
 menino
 teu destino é colheita
 tua sina é amor (Walker, 2016, p. 33).

Disso tudo que foi analisado pode-se perceber muitas contradições, a vida severina de tantos Severinos com problemas severinos e mortes severinas, mas ainda encontra-se uma esperança na “semente severina”, pois semente representa a vida, e é interessante pensar que nem tudo está perdido, pois o “guri” tem levado para “outro guri” e esparrado “à mancheia” a semente da continuação, da promessa e do amor.

Luzimar também fala sobre esse repasse de informação, para o poeta essa semente da continuação pode ser compreendida como a conscientização, para ele existe um combate que precisa ser encarado pelos trabalhadores:

Só a conscientização,
 Tacape, lança, escudeiro,
 Dá o poder de combate,
 Torna imbatível o guerreiro
 E une os trabalhadores,
 Em luta, no mundo inteiro (Braga, 2014, p. 20).

O menino que tanto sofre precisa se tornar um guerreiro nesse mundo hostil, para que aconteçam mudanças é preciso semear amor e conscientização e muitas vezes há guerras a serem travadas, o guerreiro, o menino já crescido, jovem e forte deve estar pronto para se unir, deve ser imbatível, é a semente esparramada à mancheia que germina e promove a fartura, alimentação, nutrição necessárias para dar força e poder aos guerreiros que estão em luta pelo mundo inteiro.

No penúltimo poema do livro *Apesar do amor*, que também é intitulado *Apesar do amor*, o eu lírico aponta para a esperança através do menino que deve tomar o que é dele e partir semeando fruto e flor. Concha é símbolo de útero, de espaço onde a vida é criada. Remete à Afrodite, deusa da beleza, que nasce de uma concha, e aqui no poema, a concha faz parte do corpo do menino, pois é sua mão criadora e semeadora que proporcionará esperança e amor.

O menino (criança, jovem) é símbolo de esperança na medida em que representa novas gerações e, portanto, possibilidade de mudanças (fruto e flor). Há uma ligação do menino com a terra e suas forças telúricas, elementos fundamentais para a criação da vida. O menino deve repartir a promessa e levar a “semente severina” já que seu “destino é colheita” e a “sina é amor”. Intertextualizando com a semente Severina do texto *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (2007), este menino deve levar esperança e amor, ou seja, a semente que vai germinar em outros espaços, e já que “esta terra é toda tua”, ele deve seguir repartindo a promessa.

Mesmo em meio a tantas dificuldades sociais os povos camponeses seguem acreditando que é possível e preciso continuar semeando. Acreditam que “teu destino é colheita” e “tua sina é amor”. São muitos fatores que fazem com que as pessoas queiram permanecer na terra, o sentimento de pertença, lembranças de infância, manutenção do contato com a natureza, desfrutar de momentos de lazer com a família, produzir os próprios alimentos de forma mais saudável e ingerir água potável, organizar o próprio horário de trabalho, ter uma renda garantida sem que para isso tenha que entregar sua força de trabalho para um patrão e um sistema econômico explorador, enfim, a vida camponesa se fundamenta na vontade de viver melhor. Na esperança de dias melhores como nos versos de Marli

seara

(para Persona)

chão se doa docemente ao manto de chuvamor
sementeiro em cio profundo
feito fruto seiva e flor
(*atos e omissões*) (Walker, 2016, p. 9).

Há uma esperançosa crença no ato de semear, no sentimento amoroso de doação da terra, na interação entre agricultor, a semente, o sol, a chuva e o amor. E como resultado do “sementeiro em cio profundo” há tantos “atos e omissões” que acabam resultando em frutos, seiva e flor. Quando imaginamos “frutos” e “seiva” podemos facilmente associá-las ao alimento, saúde, vitaminas, bem estar e a nutrição tão necessária em todas as famílias.

Nutrição tanto biológica como psicológica, pois além de cuidar do corpo é preciso nutrir a mente podendo ser identificada aqui pela “flor” que com sua singeleza, beleza e perfeição contribui para a continuação do processo produtivo da planta, além de servir também de alimento para insetos polinizadores como as abelhas. Como consequência desses “atos e omissões” há resultados reais, que produzem um sentimento intrínseco da sensação do dever cumprido associado ao prazer de usufruir desses resultados. Como no poema *Amor*:

amor

ela não sabia ler
 fazer contas não sabia
 mas somava e dividia
 repartia pão e amor
 milagreira sem andor
 doava eucaristia (Walker, 2016, p. 8).

Pessoas que mesmo não sabendo ler nem fazer conta ensina o milagre da divisão do amor no ato de repartir o pão e amor, somar e dividir saberes da vida, que fazem sentido simbólico como a doação da eucaristia. Isso é falar sobre frutos, seiva e flor. Faz parte da essência camponesa aceitar docemente os resultados desse ato e perceber o cio da terra interagindo com ela num processo de continuidade, como nos versos da canção de Milton Nascimento (1977) “O cio da terra”:

[...]
 Afagar a terra
 Conhecer os desejos da terra
 Cio da terra, propícia estação
 E fecundar o chão
 [...]

“Afagar” e “conhecer os desejos da terra”, suas verdades, seu tempo, para enfrentar as dificuldades e encarar os desafios, entender o “cio da terra” e a “propícia estação” é fundamental para garantia de colheita, para se “fecundar o chão” tem que se respeitar os desejos da terra, ter cuidado, afago, respeito, são necessárias políticas públicas mais eficientes no campo, que sejam capazes de garantir uma vida de qualidade mais fecunda e completa, para que se possa sair desse ciclo destrutivo que se instalou no país.

LUZIMAR BEZERRA BRAGA: VIDA E OBRA EM CORDEL

Luzimar Medeiros Braga é poeta, com mais de 340 folhetos de cordel, romancista e economista, foi professor, jornalista e técnico do campo. “Com temática diversificada, abarcando história, ecologia, geografia, filosofia, cangaço e a literatura clássica universal, em cordel, em 2013 passou a ser membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC)”. Esse cordelista é considerado um crítico social e tem contribuído com a conscientização por meio dos seus versos (Silva, 2019, p. 44).

“O poeta Medeiros Braga, nascido no município de Nazarezinho – CE, no semiárido paraibano em 1941”, teve sua vida envolvida por esse contexto histórico que envolve o cordel brasileiro, “vivenciando a fase final do auge e declínio dos folhetos populares”, mas somente iniciando a sua produção “a partir de 1986 e se consolidando no início do século XXI” (Silva, 2019, p. 44). De forma criativa e muito didática esse cordelista usa a metalinguagem para falar do cordel em cordel, para ele há muita informação que pode ser divulgada e formação e conscientização são possíveis por meio do cordel. Diante

do mundo insano e brutal, o cordel pode debater sobre as questões sociais.

Ante o mundo despencando
Insano, célere, brutal,
Pelo processo que torna
O homem mais desigual,
O cordel vai se ligando
Para a questão social (Braga, 2014, p. 8).

Crítico do modelo capitalista Braga vai alertando sobre a desigualdade social, para ele a arma mais poderosa é a conscientização, que pode ocorrer por meio dos cordéis, é a educação que promove a libertação e os problemas sociais assim como a processo de artificialização do ser humano e do meio ambiente precisam ser discutidos, “o cordel vai se ligando” e promovendo embates libertários. Para o poeta, os cordéis são feitos para ensinar e para não deixar que fatos importantes da história sejam esquecidos.

Tomaz (2014, p. 2) afirma que Medeiros Braga é considerado um poeta memorialístico condoreiro que apresenta uma produção literária muito vasta, importante e diversificada, trazendo a biografia de várias personalidades, como por exemplo: Paulo Freire, Santos Dumont, Margarida Maria Alves, Karl Marx, Nelson Mandela, Chico Mendes, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, Anita Garibaldi, Zumbi dos Palmares, Bertold Brecht, Castro Alves, Manoel Lisboa, Simón Bolívar, Ariano Suassuna, e outros.

Braga em suas obras também “ressignifica fatos históricos, como *A revolta do quebra-quilos em cordel*,

A revolução francesa, A transposição das águas do Rio São Francisco, Guerra de Canudos”. Com o objetivo educativo e procurando contribuir com a conscientização política do povo, Braga acredita que a literatura popular pode ser um elemento de formação e transformação (Tomaz, 2014, p. 3).

O “cordel da Reforma agrária” traz vários problemas sociais vivenciados no campo e na cidade, tecendo severas críticas ao sistema econômico capitalista, fala dos conflitos envolvendo reforma agrária iniciando a explanação dos últimos cinquenta anos aos dias atuais. O conteúdo está exposto em cinquenta e duas estrofes todas em sextilhas.

Já o cordel “A origem da riqueza” tem setenta e nove estrofes e também são compostas por sextilhas. É uma obra bem dinâmica e completa que vai falando sobre os modos de produção econômicos desde os tempos das cavernas ao capitalismo, traz o conceito de capital e seus desdobramentos, aborda também o processo de industrialização e fala sobre como o trabalho foi se modificando ao longo da história humana, e também sobre a valor, bens, trabalho, mais valia trazendo uma crítica bem fundamentada teoricamente sobre sistema capitalista e a desigualdade social. A representação social que impactam nos modos de viver e sentir dos povos camponeses podem ser percebidos por meio dos versos do cordelista.

A literatura de cordel, como meio de comunicação, caracteriza-se por ser um diálogo ou uma narrativa na qual o cordelista tem a intenção de travar, com o ouvinte ou leitor, uma conversa. A comunicação entre o ouvinte e o cordelista é marcada pela

intenção do último de convencer o público acerca da veracidade de suas histórias (Aléssio, 2004, p. 52-59).

O que há de comum nos dois cordéis em análise é que além das estrofes sextilhas, todos os versos serem compostos por redondilhas maior, ou seja, sete sílabas poéticas, dando fluidez e musicalidade às obras, serem ilustrados com xilogravuras também trazem uma visão crítica ao sistema econômico e social vivido no país. A forma como são compostas as estrofes dá uma sonoridade agradável ao leitor / ouvinte. Conforme o poema vai se apresentando uma composição psicológica que promove um sentido especial.

temos um sistema de sonoridades que importam decisivamente para a individualidade do poema. O poeta pode, fundado nesta realidade, explorá-la sistematicamente, e tentar obter efeitos especiais, que utilizem a sonoridade das palavras e dos fonemas, - sem falar na prática coletiva da metrificação, que oferece um arsenal de ritmos que ele adapta à sua vontade aos desígnios de ordem psicológica, descritiva, etc. (Candido, 1996, p. 42).

A metrificação e os ritmos que vão se adaptando a vontade do poeta Luzimar Medeiros Braga nesses cordéis, garante que a comunicação, informação, reflexão sobre vários pontos da vida humana. A “função principal da rima é criar a recorrência do som de modo marcante, estabelecendo uma sonoridade contínua e nitidamente perceptível no poema” (Candido, 1996, p. 40). Por meio do suas rimas Medeiros garante que somente por meio da união e organização coletiva se pode alcançar uma vida com mais qualidade para a classe

trabalhadora. É necessária educação e conscientização para mudanças efetivas na sociedade. Nas palavras do próprio Medeiros:

O CORDEL vem se tornando
Em um meio educativo,
Conscientizador de um povo
Que vegeta, inofensivo,
Acorrentado a um sistema
Sem saber que é cativo (Braga, 2014, p. 6).

O povo que nem sabe “que é cativo” de um sistema tão opressor como o capitalista, vive “acorrentado”, vegetando e “inofensivo” não reivindica seus direitos, e na maioria das vezes não luta em prol de mudanças, e o cordel pode contribuir com a conscientização, pois é um “meio educativo” que tem tido resultados práticos em várias áreas, tanto pedagógicas em salas de aulas, como em outros espaços sociais, pois aborda vários temas que fazem parte do cotidiano das pessoas.

O contato com os diversos trabalhos desenvolvidos no Brasil empregando o uso do cordel com finalidades pedagógicas, bem como a prática adquirida nos processos de produção e veiculação de folhetos, permitem constatar que a utilização do cordel não apenas auxilia o aprendizado como também pode desempenhar um papel importante na promoção da saúde (Barja, 2010, p. 6).

Braga transita nesta variação entre a tradição e a inovação, como fazem muitos cordelistas da atualidade (Silva, 2019, p. 51), pois seus cordéis também podem ser encontrados tanto nos folhetos impressos como também na internet, como por exemplo no Portal da Literatura de

Cordel⁴, Memórias da poesia popular⁵, Biblioteca de Obras raras Átila Almeida⁶, Câmara brasileira de jovens escritores⁷. É interessante pensar no cordel como uma forma dinâmica de comunicação, como possibilidades de se posicionar diante das realidades comunitárias vivenciadas no dia a dia. Para Medeiros pode-se contribuir com os sonhos, compartilhando os saberes:

[...]
 Mas no dia em que tivermos
 O imprescindível saber,
 A marcha da humanidade
 Não há quem possa deter.
 Se assim, juntos lutamos
 Aquilo que nós sonhamos
 Vai, de fato, acontecer.

Convicto de que o saber
 É quem traz libertação;
 De ser uma grande tocha
 Rompendo com a escuridão;
 Eu fui pondo em cada verso
 Um raio para o universo
 Ver com clareza a lição
 [...]
 (Braga, 2016, p. 10).

O cordelista acredita na união dos povos em prol de melhorias, na luta, na marcha da humanidade para alcançar um sonho comum, uma marcha que não pode ser detida.

4 Disponível em: <https://usp.br/portaldocordel/autor.php?cod=14604>. Acesso em: 25 abr. 2022.

5 Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

6 Disponível em: <https://proreitorias.uepb.edu.br/procult/biblioteca-de-obras-raras-atila-almeida-adquire-acervo-dos-cordelistas-medeiros-braga-e-josue-goncalves/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

7 Disponível em: <https://www.camara-brasileira.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

E para que se possa “ver com clareza a lição”, ele fala com convicção, que a libertação só acontecerá por meio do conhecimento e da sabedoria, e com certeza a literatura tem um papel importante contribuindo para clarificação das ideias e ampliação do acesso ao saber.

Como professor e educador popular sabe bem que suas palavras, bem como as de vários poetas comprometidos, tem o poder de acender uma luz em meio a escuridão social em que vivem as pessoas alienadas, os versos podem ser entendidos como raios de luz e tochas que colaboram para melhorar a visão sobre a realidade. “Somos chamados a descobrir a luz, a sair de nossas trevas, a desafiar aquilo que é difícil aos olhos humanos. A experiência da vida está fora da gruta cavernosa dos medos. Na gruta a história fica restrita; na estrada da luz, ideias são encontradas (Matos, 2011, p. 70).

Nos versos “rompendo com a escuridão” pode-se fazer uma alusão ao mito da caverna, metáfora criada pelo filósofo grego Platão, em que as pessoas estavam vivendo em plena escuridão acorrentados em uma caverna, vendo apenas sombras do mundo real, e sem o conhecimento não buscavam meios para saírem de seu péssimo estado.

“Vivemos em um tempo de conflitos onde as pessoas vivem em cavernas, vivem no mundo da escuridão e da falta de perspectiva” (Matos, 2011, p. 68). O saber, que nos fala Medeiros em seu cordel, é uma grande “tocha” e somente por meio do acesso ao conhecimento é possível mudanças reais,

é como sair da caverna da ignorância, “significa superar os esquemas de alienação”.

3.1. UMA PARTE DA HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL E SUAS POTENCIALIDADES

Folheto, folheto de feira, folheto nordestino, folheto de cordel, romance, romance em verso, história em verso, livrinho de verso, poesia popular e outros nomes foram utilizados ao longo do tempo para denominar o que atualmente se conhece no Brasil como Literatura de Cordel, ou simplesmente como cordel (Silva, 2019, p. 25).

Mas, o cordel que nós temos
Com o poder de encantar,
Tão perfeito que o leitor
Pode os seus versos cantar,
Esse não veio de fora
Isso eu posso assegurar (Braga, 2014, p. 8).

O cordel brasileiro teve influência portuguesa, mas tem um jeito diferente de se desenvolver, características próprias do nosso povo, especificidades que resulta em uma literatura diferenciada. “Pode-se buscar as origens do cordel em tradições narrativas diversas como as que remontam ao trovadorismo medieval, por via da Península Ibérica” (Meneses, 2018, p. 3), e também existem algumas expressões de cordel encontradas no México, Argentina, Peru, Venezuela, mas tanto essas como o cordel português, tem uma fisionomia bem distinta do que viria a ser o cordel brasileiro.

Meneses (2018, p. 3) afirma ainda que essas características do cordel vindas de outros povos “se trata de um substrato mais remoto sobre o qual agem todos esses insumos trazidos pelos colonizadores” os cordéis que se tem hoje em dia pelo Brasil a fora “são práticas sonoras comuns a culturas comunitárias” que mesmo trazendo resíduos de outras culturas, se tornou “num patrimônio vocal que carrega heranças europeias, africanas, indígenas e árabes, congregadas numa grande família”.

Mas, para chegar ao status de Literatura, essa poesia, conhecida como cordel, passou por muitas transformações, percorreu muitos caminhos, enfrentou inúmeros interesses, sofreu diversas interferências humanas e continua na luta como qualquer produto cultural que pretende se manter vivo (Silva, 2019, p. 126). “O cordel brasileiro simplesmente não saiu das feiras livres e do anonimato acadêmico para adentrar nas universidades e escolas de ensino básico por obra do acaso”, foi um processo que demorou aproximadamente cem anos.

“Muitos interesses e desinteresses se cruzaram para que ele pudesse sonhar com a sua condução ao sistema de ensino do país” (Silva, 2019, p. 126). Hoje em dia é comum adotarem a literatura de cordel como metodologia didática no ensino e aprendizagem, mas também ele é muito usado para reflexões em diferentes espaços e movimentos sociais, outras vezes para descontrair o cordel encontra passagem livre nas bocas dos repentistas e violeiros que cantam e declamam pelo simples prazer de versar, e também no dia a dia de pessoas

que sabem usar o cordel como forma de dialogar, e claro na internet é fácil encontrar cordéis sobre praticamente todos os assuntos, pois é um meio muito criativo de expressão.

Para Adoue (2016, p. 3) a literatura é também uma atividade “prazerosa que acorda nossa sede de beleza”. Há nesse desejo um “combustível para superar as dificuldades da leitura, e por isso desenvolve nossa destreza. O desejo de tornar a vida bela nos mobiliza para além do chão cotidiano. Educa assim para a liberdade”. Nesse sentido pode-se dizer que a literatura de cordel possui esses atributos, pois é uma forma de poesia popular que, além de ser agradável e mais acessível, pode tratar de diversos assuntos de uma forma sutil e lúdica.

Podemos dizer que a ordem mais coerente para a cultura do cordel brasileiro seria: nascer, florescer, resistir e se reinventar para não morrer. E foi isso o que aconteceu com os folhetos de feira, que eram recitados inicialmente apenas oralmente depois pendurados por cordões, e se transformaram em Literatura de Cordel. Vimos que esta cultura interage desde os primórdios com diversas outras, com diversos interesses e práticas, que vem se modificando, consolidando e encontrando seu espaço.

Barja (2010, p. 1) afirma que no Brasil a literatura de cordel é normalmente descrita como “forma de poesia popular”, mas se for feita uma análise sob uma perspectiva histórica mais profunda, pode-se afirmar que “o cordel não é exatamente uma forma literária, e sim um modo de apresentação de textos dos mais diversos estilos”, abarcando em si quase todos os

gêneros literários: romance, poesia, tragédia, teatro e também outros tipos de textos como calendários, receitas, profecias, notícias etc.

Outra questão também que pode ser percebida é que a “circulação dos folhetos no Brasil não se restringe às classes sociais inferiores”, como acontecia anteriormente. Ao contrário, “cresce inclusive o interesse acadêmico pelo estudo desse tipo de literatura, como o provam as diversas dissertações e teses sobre o tema no Brasil”. Mais que isso: “o interesse deixa de ser apenas literário para se voltar ao cordel como recurso pedagógico efetivo, para uso em sala de aula” (Barja, 2010, p. 1).

Sua história se relaciona com a história da imprensa e dos impressos, com a do papel, com a dos editores e poetas ditos populares, bem como com a dos leitores e ouvintes de suas histórias. E todas essas culturas têm suas trajetórias permeadas por disputas, por resistências, por mudanças e permanências. O que se percebe nestas tantas histórias que se inter-relacionam são as configurações restabelecidas a partir de suas respectivas realidades sociais. São as formas de resistência empreendidas pelos seus sujeitos históricos. E, aqui, vale ressaltar o quanto a história da Literatura de Cordel tem a ver com a da resistência cultural (Silva, 2019, p. 55).

Na literatura de cordel os assuntos polêmicos e contraditórios são tratados de forma mais associada com a imagem, podendo trazer variados conceitos e posicionamentos de temas como política, educação, machismo, racismo,

religião, futebol, corrupção, capitalismo, movimentos sociais, vida urbana e camponesa, etc, assuntos que, se tratados forma mais direta, poderiam até trazer discussões e conflitos entre indivíduos, mas por meio da literatura de cordel consegue-se transmitir a imagem através das palavras e fazer pensar e até mesmo mobilizar para a ação.

É possível afirmar que cordel tem sido, entre os gêneros literários, aquele que mais se associou à imagem. Os cordéis projetam no papel imagens, associam-se a imagens, traduzem imagens mentais, apontam para a dimensão imagética da condição humana, criam, apropriam-se, reinventam imaginários. A poética da imagem e a poética do verso estão associadas de tal modo que palavra e imagem são fundamentais nas artes do cordel, quando as figuras do desenhista, do xilogravurista, do escritor e do leitor se confundiram, pois tanto a imagem quanto o texto existem para serem lidos por alguém (Melo, 2010, p. 94).

Há muitos gêneros textuais que podem ser expressos por meio dos cordéis como por exemplo fábulas, parábolas, apólogos, contos, crônicas, biografias, diálogos e como a “produção de imagens e de textos está cada vez mais presente no mundo contemporâneo. As imagens repetidas ao longo do tempo conferiram uma narratividade imagética, imaginária e estética ao cordel” (Melo, 200, p. 93) e os assuntos abordados acabam se tornando mais atraentes.

“O cordel é um mundo de extraordinária fluidez e extensibilidade, que não pode ser apreendido por nenhum campo disciplinar autônomo: antropologia, história, literatura, linguística, comunicação, artes visuais, psicologia, economia,

geografia, pedagogia” (Meneses, 2018, p. 4). Como os cordéis possuem musicalidade, métrica e rimas os seus versos podem ser compreendidos e aceitos com mais facilidade tanto entre as camadas populares quanto entre os pós doutores.

Por outro lado, Melo (2010, p. 99) afirma que a literatura de cordel ainda não é tão valorizada no meio acadêmico, e isso se deve a “hierarquização das práticas culturais, em que o popular acaba tendo um valor inferior (basta constatar o valor, expresso no valor em dinheiro, que pagamos por um cordel) no mercado dos bens culturais”, e por isso é tão necessário que haja uma mudança estrutural no sistema educacional. Braga também fala sobre isso em seus versos:

Estão os mestres levando
O cordel pra suas salas,
Extraíndo dos alunos
Pelos versos suas falas,
E com método diferente
Conseguem dar boas aulas (Braga, 2014, p. 10).

Os mestres, que sabem da importância do cordel nas práticas educacionais, têm levado o cordel para as salas de aula, e com metodologias diferenciadas consegue extrair dos alunos, “pelos versos suas falas” suas histórias, memórias, seus anseios, seus conhecimentos de mundo, e por meio da produção de cordéis com os estudantes, tem conseguido “dar boas aulas”.

Melo (2010, p. 96) lembra ainda que se trata “de um esforço conceitual para pensar práticas que se transformam e linguagens que se “incorporam”, como acontece nas relações

entre o cordel, a cantoria e o audiovisual”, aproveitando as potencialidades formativas existentes na literatura de cordel. Nesse sentido, Tavares afirma que os cordéis:

Reproduzem com palavras as emoções mais complicadas que sentimos ou que podemos imaginar alguém sentindo. Usam a linguagem poética para discutir ideias filosóficas, conceitos abstratos que conseguem transpor para uma linguagem mais acessível. Conseguem contar histórias, provocar gargalhadas, emocionar, produzir excitação sensual, usando apenas as palavras (Tavares, 2005, p. 22).

Segundo Tavares (2005), os versos de muitos poetas cordelistas são verdadeiros relatos históricos, já que não fogem da realidade social, mas tem facilidade da colocá-la em uma linguagem que desperta interesse, o que permite o encontro do leitor com ele mesmo e com a concretude de sua vida, surgindo, então, a possibilidade de um novo olhar em relação ao mundo no qual está inserido, o que pode ser considerado parte importante de um processo de conscientização e sensibilização humana.

Denotamos, a figura do poeta popular como aquele que registra através dos seus textos a imaginação, o sofrimento, a resistência e a devoção do povo nordestino, materializando em seus versos um conjunto de saberes, crenças e valores tecidos ao longo do tempo e no decorrer das experiências vivenciadas pelos sujeitos. A leitura e análise das narrativas proporcionam uma reflexão sobre a realidade social, de modo a possibilitar a construção de um conhecimento (Silva, 2015, p. 48).

A literatura de cordel está relacionada ao costume milenar das civilizações de contar e recontar histórias dos seus antepassados. Como fruto de uma cultura de um povo, preservadas na memória da população, os cordéis, com o passar do tempo, começaram a ser escritos, o que facilitou a divulgação dessa arte com mais intensidade para as futuras gerações (Galvão, 2000).

O folheto de cordel, marcado por seu forte acento oral – rima, ritmo, repetições, musicalidade –, nascido da e na oralidade, sua matriz e motivação, transita hoje no espaço letra/voz. Voz que, imersa no âmbito ilimitado e performático da linguagem oral, é puro presente, sem estampilha nem marcas temporais, sem mordanças, solta, livre e nômade, ao contrário da escritura que é finita, fixa e sedentária. Andarilha por essência, a voz permite modulações e articulações variadas, integrante que é de um contexto movente, cambiante, onde respiração, músculos e nervos continuamente se tensionam e distensionam. No poeta popular, quase sempre vendedor (Matos, 2007, p. 151).

Medeiros Braga, cordelista, por meio de uma visão bem ampliada, mostra que a literatura de cordel é capaz de dar voz ao oprimido, colaborar no processo educacional e promover momentos de descontração e reflexão. A literatura, como tudo, carrega uma ideologia, mas procura, com significados diferentes, usar as palavras que começam a “incomodar”, exigindo certo conhecimento e uma interpretação mais aprofundada.

As possibilidades de pesquisas com a literatura de cordel, são amplas e profícuas, comprovando assim, a viabilidade e potencialidade da poesia

popular na construção e ressignificação dos conhecimentos. Esta literatura apresenta a abordagem de diversas temáticas (sociais, políticas, econômicas, ambientais), as quais possibilitam promover discussões articuladas com os conteúdos numa perspectiva interdisciplinar (Silva, 2015, p. 50).

Como tudo está em constante mudança tanto o comportamento do público quanto o do mercado, a perspectiva interdisciplinar encontrada na poética do cordel passa a estabelecer conexões com o presente, com as inovações técnicas, com as mudanças estruturais e tecnológicas, “a partir da repetição de uma estrutura de versificação rígida, o cordel incorpora novos padrões editoriais”. O cordel passa a se envolver com o dia a dia, com o ordinário, “situado na audição das histórias e do rádio, na leitura dos jornais, nos programas de televisão. A poética do cordel passou a se preocupar com que é fundamental enquanto arte e linguagem” (Melo, 2010, p. 85).

O cordel entra na vida real das pessoas comuns, nas conversas diárias, nas escolas, nos bares, mercados, passa e se envolver em partidos políticos, em academias de cordel, praças, escolas, nos cursos universitários, em bandas de rock, de rap, de hip hop, nas místicas, em teatros, ente educadores populares, em sites e blogs na internet. “Nesse encontro de tempos heterogêneos dá-se a produção do poema. E dá-se, em outro momento de convergência, a sua reprodução pelo leitor para quem o ritmo, a figura e os sentidos historicizáveis devem igualmente fundir-se na hora difícil da interpretação” (Bosi, 1977, p. 123). A poesia contida nos cordéis é entendida

e aceita pelos ritmos que vão compondo sentidos e esses vão encontrando meios de se interpretar a realidade.

As palavras concretas e as figuras têm por destino vincular estreitamente a fala poética a um preciso campo de experiências que o texto vai tematizando à proporção que avança. Como se, pela palavra, fosse possível ao poeta (e ao leitor) reconquistar, de repente, a intuição da vida em si mesma (Bosi, 1977, p. 115).

Matos (2007, p. 155) afirma que “a verdadeira palavra é a palavra falada”. o poeta popular, em sua sabedoria, “percebe o fascínio da palavra oralizada, porque é ela o principal meio de comunicação de histórias”, seja por meio dos contos, causos, fatos, conversas, etc., ou seja, “é ela, em verdade, a grande mediadora entre o homem (que conta/canta) a sua experiência”. Por meio de seus versos rimados Braga vai mostrando a relevância do cordel para a comunicação.

Vamos, pois, prestigiar
Sua comunicação,
O CORDEL que no passado
Foi o ‘Jornal do Sertão’
É hoje a biblioteca,
Cada página, uma lição (Braga, 2014, p. 08).

Dos versos “Cada página uma lição”, e “é hoje a biblioteca” deduz-se que o cordelista paraibano Luzimar Medeiros parece compactuar tanto com o pensamento de Ankersmit (2012), quando defende que a linguagem do historiador não é a única que apresenta historicidade, quanto com a ideia de Michel de Certeau (1982), que entende que o historiador da contemporaneidade já pode encontrar seus sujeitos históricos

nas margens da sociedade, inclusive por meio da literatura popular (Silva, 2019, p. 58).

Nesse sentido, Medeiros Braga parece querer mostrar que a produção de uma história de cordel contém historicidade, pois no passado o cordel foi o “Jornal do Sertão”, e não se originando do acaso. Ela é fruto da resistência e persistência humana, a história pode estar em qualquer lugar, inclusive em um folheto de cordel (Silva, 2019, p. 58).

Com bases nessas compreensões sobre a literatura de cordel pode-se afirmar que se trata de um “gênero literário com um amplo campo de estudo. Como possibilidade temos os “poemas de acontecido”, os quais, narram os fatos reais sob a percepção do poeta popular, compondo uma crônica de seu tempo” (Silva, 2015, p. 55). Oliveira (2011) destaca que a literatura de cordel brasileira é uma produção caracterizada por elementos de renovação e de conservação, proveniente de diferentes sujeitos que são o resultado de choques culturais diversos; trata-se de uma forma de arte que pode ser considerada como herança multicultural do povo brasileiro.

É um fato que muito da cultura camponesa está desaparecendo, a arte de narrar, de trocar experiências, que já foi tão valorizada, está se extinguindo, “uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (Benjamin, 1994, p. 198). O “tesouro” do conhecimento que era repassado de geração a geração está

perdendo sua importância, parece que não há mais o que se transmitir.

Mas ainda há esperança, há quem acredita que a arte de narrar, como acontece com os contistas, repentistas e cordelistas. Medeiros Braga acrescenta ainda que o cordel está em todo o lugar, que ele compõe a vida e a vida é que compõe a poesia, o cordel representa a realidade e aponta para as necessidades humanas:

Ele está na escola e rua,
No reisado e na ciranda,
Há muita gente escrevendo
E lendo pra toda banda,
Fato é que a produção
Vai criando uma demanda (Braga, 2014, p. 6).

O cordel está em toda a parte, pois ele está envolvido com a vida. Melo afirma (2010, p. 51) o cordel tem uma “capacidade híbrida de romper e manter tradições” ele se situa numa “situação de fronteira e, portanto, cabe cuidar em rever os conceitos solidamente ancorados numa visão regionalista e essencialista dos processos culturais” nas experiências artísticas se evidencia suas potencialidades formativas nas dimensões literária, poética, criativa e imagética. “Há muita gente escrevendo” e “lendo”, a demanda está constantemente sendo criada para falar da vida, inclusive da vida camponesa como vemos nos cordéis de Luzimar Medeiros Braga.

3.2. REALIDADE DO CAMPO NOS CORDÉIS DE LUZIMAR MEDEIROS BRAGA

Nós somos parte do capitalismo, grande parte da sociedade é fetichizada, vive-se uma vida mergulhada no fetiche, e a arte tem uma missão “desfetichizadora”, porque no mundo da arte pode-se ver conectado o que na vida cotidiana está desconectado. As pessoas não se reconhecem no mundo que o próprio homem produz, pois na vida diária, os nexos estão diluídos numa sociedade alienada, e por isso não se consegue “ver” a realidade (Corrêa; Villas Boas, 2014). A arte condensa o que está espalhado, muitas vezes aparece concentrado num destino individual de um personagem, toda a história do momento e da humanidade, outras vezes aparece em uma estrofe de cordel uma realidade latente que representa a vida de muitas pessoas.

Luzimar Medeiros Braga, crítico do capitalismo, aponta em seus cordéis intitulados “O *Cordel da Reforma Agrária*” e “A origem das riquezas” os elementos históricos e os muitos problemas sociais vividos pelos povos camponeses. Nessas relações de poder forjam-se suas identidades instáveis e precarizadas pelos contextos incertos da contemporaneidade. São as dificuldades que transformam as sociedades, as lutas se intensificam conforme os problemas vão se apresentando. Usando a metáfora das águas em que as margens tentam deter as águas dos rios, usada por Braga em seu cordel, fica clara a lição:

Como disse Bertold Brecht
Em lições claras, atentas:
As águas que fazem o rio
Não são em si turbulentas,
Mas, as margens que comprimem
É que tornam violentas (Braga, 2007, p. 1).

As águas se tornam violentas ao ser comprimidas pelas margens dos rios, porque as águas, assim como as pessoas, são fortes, resistentes e resilientes, mas não podem ser detidas, não as águas correntes, na natureza a água sempre encontrará meios para encontrar seu caminho, pois as águas “não são em si turbulentas”, mas têm suas potencialidades. As metáforas são figuras de linguagens muito utilizadas nas poesias.

Esse recurso estilístico é responsáveis por transpor o sentido literal para o figurado, no caso da fenomenologia utiliza os fenômenos naturais para a expressividade. “É um erro dizer que a poesia se faz apenas de imagens. Mas o fato é que a linguagem figurada, e sobretudo a metáfora, representam um tipo muito mais condensado e carregado de sentido” (Candido, 1996, p. 98). Por meio dessas figuras de linguagem há uma plurissignificação dos enunciados, como exemplo pode -se citar a metáfora da água:

O filósofo grego Heráclito chamou a atenção para a importância da água ao afirmar que ‘nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio...pois na segunda vez o rio já não é o mesmo nem tampouco o homem’ (Heráclito, 1996. 2). A sentença é famosa até hoje. Shakespeare insere o símbolo da água para pensar sobre a vida, conforme o autor ‘as águas correm mansamente onde o leito é mais profundo’ (Shakespeare, 2008

p. 393) [...] As expressões artísticas são produzidas pela imaginação e ornamentadas como novas imagens poéticas (Agostinho, 2017, p. 10-12).

Não se pode banhar na mesma água, pois ela corre sempre, sem parar cumprindo o seu destino de ir, “Não nos banhamos duas vezes no mesmo, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre” (Bechelard, 1998, p. 8). Corre sempre, turbulentas ou calmas, desempenhando seu papel de promover a vida, hidratar, irrigar, evaporar e cair como chuva em outro lugar e finalmente chegar ao mar, onde poderá em multidões de águas completarem o ciclo vital para o planeta Terra, um constante ciclo hidrológico que garante a continuação da vida. As identidades são forjadas em meio à realidade cotidiana, os problemas e a realidade que margeiam as pessoas vão compondo o cenário para o estabelecimento de novas identidades.

O acesso a poesia possibilita uma reflexão sobre um ponto de vista que deve ser levado em consideração no processo identitário discutido por Martins *et al.* (2003): a desterritorialização do homem do campo, com todas as suas consequências. Braga (2007), no “Cordel da Reforma Agrária”, traz à tona essa realidade. Nesse trecho:

Consumido pelo tempo
Meio século se passou
Ficou o campo deserto
A cidade, então, inchou
A relação social
No país se complicou (Braga, 2007, p. 2).

O cordelista cita uma realidade atual e difícil de ser modificada. Faltam políticas públicas adequadas, e isso fica ainda mais evidente no cordel “A origem da Riqueza” (Braga, 2012) em que o autor faz uma contextualização histórica, abordando assuntos complexos resultando na compreensão e reflexão sobre a realidade dos dias atuais. Essas experiências de vida, culturas e identidades que estão presentes nos cordéis trazem em si os valores humanos. Trazem a história, as lutas, as conquistas, enfim trazem a vida humana.

[...]

Esse período de história
Do processo produtivo
Com o homem, em liberdade,
Convivendo o coletivo,
Ficou conhecido como
'COMUNISMO PRIMITIVO'

[...]

Assim, nasciam da força
A propriedade, o Estado,
Escravos, polícia, leis,
Tendo a justiça de lado
Para inibir a revolta
De um povo injustiçado (Braga, 2012, p. 8).

Ao pensar nos camponeses, Cabral (2014, p. 15) discute também as dificuldades relacionadas à discriminação e preconceito contra os povos do campo: um “povo injustiçado”. “São vários estereótipos pejorativos que estão sendo fortalecidos por urbiscentrismo, ‘modernismos’, capitalismo”, mas não por acaso, há uma ideologia dominante que fortalece essa visão equivocada, e perpetua a marginalização de alguns

grupos. E isso passou a ocorrer desde o estabelecimento da propriedade privada e de leis que não são aplicadas a todos.

Numa sociedade extremamente desigual, quer seja nas relações entre as classes, quer seja nas relações entre os sexos, a construção da cidadania começa pelo direito ao trabalho e os consequentes direitos sociais a ele relacionados. O trabalho no sentido ontológico, como princípio formativo, com “liberdade”, mais próximo do que acontecia no período conhecido como “comunismo primitivo”, onde a “coletividade” tinha sentido e era uma realidade.

Com o moderno processo de urbanização que implicou em êxodo rural e inchamento dos centros urbanos, o campo, antes visto como local de atraso, hoje é tido como lugar que oferece melhor qualidade de vida, com possibilidade de produção de alimentos mais saudáveis, com princípios éticos e valores que questionam aqueles impostos pelo projeto capitalista neoliberal e do agronegócio. Porém o apoio para o agronegócio está à mão do grande produtor enquanto os agricultores familiares sofrem sem acesso à crédito impedido pela burocracia, falta políticas públicas e urgência na resolução dos problemas do campo. Falta informação e órgãos que estejam dispostos a fazer acontecer, para que o pequeno agricultor venha acessar pelo menos os direitos já conquistados no papel.

Mas, o governo se curva
Ao poder dos ruralistas
Negando a reforma agrária
Necessária e realista
Para agradar os dois lados
Com argumentos sofistas.

Aquela reforma agrária
 Que foi de público acertada,
 Fazem tudo os ruralistas
 Pra que seja escanteada,
 E a verdade é que o governo
 Não tem feito quase nada (Braga, 2007, p. 15).

No lugar das cores e diversidades de vida pode-se encontrar as monoculturas reinando soberanas, solos se desertificando, degradação do meio ambiente, queimadas e destruição. Falta de investimentos para uma produção saudável que seja economicamente justa, ambientalmente consciente e adequada socialmente. No cordel *A origem da riqueza*, o cordelista traz o momento em que a injustiça social se instala nas sociedades ocidentais:

Mas, um dia os habitantes
 Com o invasor depararam,
 Aventureiro e perverso,
 Dele, raivoso, escutaram:
 ‘Isso tudo aqui é meu’
 E todos silenciaram (Braga, 2012, p. 01).

Luzimar Medeiros Braga nos versos “Isso tudo aqui é meu” aponta para o momento em que a propriedade privada se instala e altera o modo de produção, os habitantes que um dia se depararam com o invasor “aventureiro e perverso”, diante da tanta covardia e injustiça “todos silenciaram”, em seus modos de vida, de cultivar a terra, seus saberes, sua língua, suas religiões.

O invasor “raivoso” inicia um ciclo de desigualdade social os habitantes, os sobreviventes, foram expulsos de suas vidas, de suas terras, em que alguns acumulam

riquezas e outros colecionam pobreza em sua condição de trabalhadores explorados. Em *O cordel da reforma agrária*, o cordelista aponta para a atual condição financeirizada do capital, que, atrelado ao neoliberalismo, não se importa com os trabalhadores, importa-se apenas com ele mesmo e sua reprodução incessante através do mercado financeiro, ficando a produção de vida digna, em último plano:

O poder preocupado
Em manter o capital
Longe do risco, da crise
Em escala universal
Fecham os olhos, adormecem
Ante à questão social (Braga, 2012, p. 02).

O sistema capitalista adormecido diante da desigualdade social não assimila as reivindicações feitas pelo movimento sociais, por melhoria de vida. Os olhos estão fechados para os problemas sociais e ambientais vividos pelos povos camponeses. É necessário um compromisso sério do poder público com a classe trabalhadora do campo para implementar a reforma agrária, para amenizar a fome, e para que o processo de animalização humana seja interrompido, Marli Walker também aborda esse tema em vários poemas, por exemplo na *ciranda* a poeta destaca a justificativa para o injustificável, essas contradições explicitadas nesse poema são recorrentes no capitalismo. O que de fato convinha ao bicho homem?

ciranda

das poucas coisas que julgava saber
 uma era certa
 aquilo que convinha ao bicho homem
 aquilo que justificava sua vida e sua morte
 era a fome
 de todas as fomes que julgava conhecer
 uma era certa aquilo que convinha ao bicho homem
 aquilo que justificava sua fome e sua morte
 era a vida
 de todas as vidas que julgava conhecer
 uma era certa
 aquilo que convinha ao bicho homem
 aquilo que justificava sua fome e sua vida
 era a morte (Walker, 2016, p. 20).

Esse poema chama a atenção por causar um estranhamento pela repetição dos termos “aquilo que” aparecendo 6 vezes e as contradições existentes nas expressões julgava e justificava: “aquilo que justificava sua vida e morte era o fome”, e “aquilo que justificava sua fome e vida era a morte”. O eu lírico reflete sobre o que julgava saber e julgava conhecer e sempre tem uma coisa certa: o que convinha ao bicho homem. Quem é esse bicho homem? Pode ser compreendido como o povo pobre, o camponês, o excluído, os abortos, aqueles que passam por todas as fomes, o que morre esperando melhorias. Esse poema da Marli: faz lembrar do poema *O Bicho* de Manuel Bandeira:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem
(Bandeira, 1948, p. 1).

As relações sociais que são discutidas na poesia causam uma conscientização política, no caso do processo de animalização apresentada nos poemas citados é preocupante, pois está se tornando cada vez mais frequente as atitudes animais na sociedade capitalista. A normalização da desigualdade, o aumento da pobreza em um país com alto índice de desperdício é alarmante. O campo e cidade precisam estar em harmonia, pois, são espaços de produção de vida que se complementam. Há seres humanos que precisam ser respeitados, para isso são necessárias políticas públicas que garantam a vida com qualidade em todos os setores. Braga fala isso abertamente em seus cordéis, medidas urgentes devem ser tomadas como “ações prioritárias” essas reivindicações agrárias deveriam estar encabeçando as pautas dos políticos que se dizem representantes do povo.

Ele bem que poderia
Numa ação prioritária,
Em respeito ao compromisso
Feito com a classe operária,
Sem o neoliberalismo,
Fazer a reforma agrária (Braga, 2012, p. 02).

O que se vê é que a reforma agrária se tornou uma utopia dos movimentos sociais camponeses, que têm tido uma grande importância nessa luta desigual, pois torna visível e público o papel dos agricultores familiares como produtores que são, (Carneiro, 1987), e alertam, mesmo sofrendo todo tipo de repressão, sobre as falhas no campo, principalmente a falta de acesso à terra. Quantos trabalhadores enchem as cidades, como alerta Braga, “a cidade, então, inchou”, porque esperam pela tal reforma agrária nunca executada de forma eficiente. O que se conseguiu de avanços para a agricultura familiar no campo foi por meio de muitas lutas, pressões, injustiças e mobilizações.

[...]

Consumido pelo tempo
Meio século se passou,
Ficou o campo deserto,
A cidade, então, inchou
E a relação social
No país se complicou

[...]

Falar em reforma agrária
Jamais se deve esquecer
As prisões, torturas, mortes
Que puderam acontecer
Aos que tinham a ousadia
De dar um não ao poder (Braga, 2007, p. 12).

A ideia do meio século sendo consumido pelo tempo lembra a o quadro surrealista de Salvador Dalí *A persistência da memória* que traz “uma visão subjetiva da temporalidade e das suas implicações, seja na obra de arte ou nas lembranças”.

Essa ideia de tempo ir consumindo, dá para se comparar com os relógios da pintura derretendo, uma correlação entre o “tempo interior e inconsciente”, essa obra nos faz pensar mais uma vez “nos ciclos da natureza, e por consequência no tempo e na vida” (Aidar, 2020, p. 2).

Figura 1: A Persistência da Memória de Salvador Dalí



Fonte: Aidar (2020)⁸.

As obras surrealistas permitem várias interpretações, pois são carregadas de simbolismos. A obra Persistência da memória “é também uma homenagem ao tempo interior e inconsciente, que tem sua própria forma de ser contado e que foge à racionalidade” (Aidar, 2020, p. 5). Essas ideias mais subjetivas propostas por obras tão complexas trazem um pensar sobre a realidade enfrentada no dia a dia do campo e os povos camponeses continuam persistindo.

8 Disponível em: <https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

A Reforma Agrária já foi um tema muito debatido, mas, com certeza, as conquistas se deram por meio das mobilizações e da luta, em que as prisões, torturas e mortes é resultado de injustiças de um país complicado; por mais absurdo que pareça, muitas pessoas perderam suas vidas na busca pelo acesso aos direitos garantidos pela própria Constituição. Ousadia é a palavra usada pelo cordelista, que aqui tem um sentido de coragem, porém essa é uma realidade muito cruel de uma relação social complicada em todo o país e que não deve ser esquecida. A cidade inchada devido ao êxodo rural forçado e o campo deserto, as pessoas amontoadas nos grandes centros urbanos servindo ao capital.

Além da luta pela igualdade de direito e pela Reforma Agrária, outra questão que também tem mobilizado os movimentos sociais, é o direito a educação, que seja realmente voltada para a vida e que atenda as demandas da realidade camponesa. Levar informações precisa e importantes é uma das necessidades reais e urgentes dos militantes:

[...]

Devem se organizar
Operários, militantes,
Pra levar informações
Precisas e importantes
Para a boa educação
Daqueles mais vacilantes (Braga, 2012, p. 18).

Uma boa educação para os mais vacilantes. Quem vacila é quem não tem firmeza, nem convicção em seus propósitos. Essas rimas militantes, importantes, vacilantes causa uma

impressão de quebra de continuidade. Porque vem seguindo uma ideia de organizar, levar informações, boa educação para a contradição: vacilantes, aquelas pessoas que são dia a dia iludidas por fake News, e informações imprecisas, informações distorcidas, nada importantes e até falsas. A boa educação é o caminho para a mudança, uma educação problematizadora que serve para a libertação, lembrando das palavras do educador Paulo Freire (1987, p. 39) “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. A boa educação deve partir dos operários e militantes, dos sujeitos trabalhadores, que compõem a sua história que buscam soluções nos diálogos e nos trabalhos como princípio formativo, educadores, que veem a da educação como prática da liberdade.

A identidade camponesa está em constante processo de mudanças, mas muitos saberes ainda estão sendo cultivados e preservados e nesse sentido a literatura de cordel tem tido importante contribuição pois é em si educativo, ela pode “levar informações precisas e importantes”, ajudando a “organizar operários, militantes”. Pessoas que vivem alienadas sem refletir sobre sua realidade ou estão “mais vacilantes” diante da eminente luta que deve ser enfrentada. Somente a “boa educação”, com poder conscientizador que ela tem pode ajudar os povos camponeses a se organizar e alcançar a tão necessária soberania.

3.3. CORDEL COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: A VIDA NO CAMPO AINDA É A ESPERANÇA

Trazendo à tona discussões sobre as identidades, a história e memória cultural apontando as vantagens da vida rural, relacionando a produção saudável de alimentos, água pura, contato com a natureza, espaços de produção e aprendizados e ao mesmo tempo promovendo um debate sobre os conflitos existentes em várias esferas da sociedade, inclusive no campo.

Transformações muito significativas nas identidades camponesas ocorreram com a implantação da Revolução Verde. Medeiros Braga, em seu “Cordel da Ecologia” (Braga, 2008), alerta sobre a destruição do meio ambiente, aumento dos conflitos estruturais desse mundo globalizado em que pessoas têm sido obrigadas a se mudar ou se deslocar espacialmente.

Há, hoje, uma visão de que o campo e a cidade (meio rural e urbano) seriam duas realidades que se opõem. Essa consideração mostra-se atualmente ultrapassada, pois a cidade moderna mostra-se cheia de problemas graves, como insegurança e violência, degradação ambiental, mobilidade urbana caótica, etc. Além disso, o campo não se configura mais como local de atraso tecnológico e cultural, pois passa por processo de informatização e mecanização, constituindo-se como espaço em que se produz sabedorias e cultura, além de sustentar as grandes cidades em suas necessidades de consumo de alimentos, devendo, assim, ser visto como uma

realidade que complementa a urbana em suas relações de interdependência.

A identidade camponesa do norte do Mato Grosso em muitos aspectos se relaciona com a de outras regiões do Brasil, mas também tem suas peculiaridades (especificidades). Para analisar a realidade norte mato-grossense e suas contradições é necessário levar em conta os danos causados ao meio ambiente, o papel do estado e os conflitos sociais (agências e agentes), os aspectos políticos, econômicos e cultural. Peripolli (2008, p. 143) afirma que Sinop está inserida na fronteira de expansão do capital, que é como ficou configurado do espaço mato-grossense – “dentro do qual, é resultado de um conjunto de fatores, não só econômicos, mas também políticos e sociais, marcados pela luta dos trabalhadores do campo na busca pela terra – terra de trabalho”.

Quando se fala sobre o processo de globalização e sua relação com as cidades da fronteira norte mato-grossense Souza (2008, p. 97) destaca uma problemática: “o papel das chamadas ‘cidades do agronegócio’, como elas são constituídas e a dinâmica das relações comerciais, sociais e de poder nelas estabelecidas”. Braga em seus cordéis também fala sobre as cidades com seus problemas e a falta de uma reforma agrária voltado para os trabalhadores. No norte do Mato Grosso surgiram os colonizadores com modelos de apropriação de terras que são questionadas por Souza:

O que mudou nesta fronteira nos últimos 30 anos de sua colonização? Quais são os benefícios sociais do agronegócio? Este que se caracteriza pelo avanço do capitalismo no campo com modernas tecnologias agrícolas, investimentos em pesquisas e desenvolvimento tecnológico, capazes de gerar expressivos ganhos de produção e produtividade, onde os sojicultores dessa leguminosa desejam transformar Mato Grosso numa plataforma global de exportações, provocando, dessa forma, um alargamento do território nacional, e além do Brasil (Souza, 2008, p. 97).

O projeto de Reforma Agrária, implantado pelo INCRA na região Norte de Mato Grosso, na década de 1990, como o caso do Assentamento Wesley Manoel dos Santos, Gleba Mercedes V, de interesse dos trabalhadores do campo – “serviu, única e exclusivamente, aos interesses do capital, representado pelos organismos internacionais, principalmente o Fundo Monetário Internacional – FMI e o Banco Mundial – BM” (Peripolli, 2008, p. 143). Esse modelo criticado por Medeiros Braga e Marli Walker naturalmente, se contrapõem às lutas históricas dos movimentos sociais populares do campo, “caracterizada como política de contrarreforma agrária”. Vários problemas podem ser evidenciados e ser representados e demonstrados pela literatura.

É evidente que cada grupo tem seus valores, culturas e aquilo que faz sentido para si e sua realidade. Isso é o que compõe a identidade camponesa, ou seja, essas multiplicidades. Mas é preciso lembrar que da luta pela permanência no campo existe a semente. O menino que levava semente severina conseguiu esparrar e essa semente germinou em solo fértil produzindo

um povo camponês que resiste e insiste, mesmo em meio a dificuldades.

[...]

A vida no campo é bela
 Não há nem comparação,
 A família que produz
 Tem da verdura ao feijão,
 Tem um ar pra respirar
 Sem a menor poluição (Braga, 2007, p. 8).

A família que produz tem a garantia da soberaniza alimentar, na expressão “da verdura ao feijão” traz implícita a produção de muitos produtos, buscar uma bacia repletas de variadas saladas, temperos e chás agroecologicamente produzidos sem uso de agrotóxicos e com total interação com a natureza, sem veneno, com um ar pra respirar. Esses verbos no infinitivo traz uma sensação de bem estar, sem a menor poluição. As rimas nas palavras comparação, feijão e poluição também promove um estranhamento. Vida bela em família traz a ideia de organização coletiva harmoniosa, a vida do campo associada com a beleza, com ar pra se respirar. Comparada com a vida contaminada pelo agrotóxico com poluição.

A vida começa bela
 No campo, já madrugada,
 Com o belo canto do galo
 E o cantar da passarada
 Na madrigal sinfonia,
 Magistralmente, tocada (Braga, 2007, p. 3).

Os versos do cordelista Medeiros Braga (2007) nos motivam a pensar sobre o espaço rural como lugar belo de produção de vida, com uma especial interação amigável do ser

humano com a natureza. No verso “A vida no campo é bela” o belo cantar do galo” ... “e o cantar da passarada” faz pensar que campo estaria mais distante dos males da urbanização moderna das cidades. Um local em que a natureza e cultura se aproximam mais; há uma ligação mais profunda com elementos do meio ambiente. Porém, não se pode esquecer da poluição da terra e das águas via agrotóxicos, que acaba atingindo os pequenos e médios agricultores também. O que para o poeta seria uma vida camponesa natural e normal “sem a menor poluição” hoje está mais para uma utopia.

A reforma agrária é boa
Para o homem e a natureza
Porque vai poder plantar
Dando mais verde e beleza
Sem agredir sua fauna,
Sem causar mais avareza (Braga, 2007, p. 10).

Quando a criança colhe uma flor do jardim da família e a oferece gentilmente à sua mãe como demonstração de afeto e carinho, a beleza encontrada na perfeição das flores nos remete a uma vida mais completa, mais próxima de uma utopia camponesa almejada na luta pela reforma agrária encampada pelos movimentos sociais como MST, MMC e Via Campesina, por exemplo. Sem agredir a fauna, sem causar mais avareza.

Os movimentos sempre em luta levantam a bandeira da vida digna e com qualidade, com direitos respeitados, acesso a créditos, educação, formação profissional, lazer, tecnologia, trabalho e renda adequada. Esse modelo de vida baseado na boa reforma agrária nos faz pensar em força coragem, vida,

felicidade. A reforma agrária é boa para o homem e a natureza, porém as contradições se explicitam nas rimas das palavras natureza, beleza e avareza. A ideia de uma vida boa, contato com a eco sistema de forma agradável, a beleza em poder plantar se contrasta com a avareza que em nada combina com a fartura que a natureza garante.

Com a terra posta à mão
Do pequeno produtor
Os alimentos da terra
Voltarão a ter sabor,
A ser saudáveis à vida,
A ser mais puro em teor (Braga, 2007, p. 10).

Nos versos do poeta a terra na mão do pequeno produtor é garantia alimentos com sabor, saúde pureza em seu teor. Na verdade, ao mesmo tempo em que viver no campo é uma escolha, também é uma luta de resistência. Quando um grupo de pessoas resolvem fixar moradia em um assentamento, ou em um determinado espaço rural, cada família tem um motivo específico, mas existem aspectos bem comuns que os fazem pensar sobre a vantagem do campo em comparação com a vida urbana, como por exemplo a expectativas de viver uma vida de qualidade, com mais segurança e tranquilidade para viver e criar os filhos. Cultivar suas tradições e cultura como o acordar cedo e a produção de seus alimentos.

O cordel brasileiro está relacionado às diversidades socioculturais, ambientais e organizativas. Nesta diversidade, destacar a Literatura de Cordel é tornar público um dos instrumentos reveladores do cotidiano da vida dos sujeitos

campesinos, seja quando enfatiza aspectos da identidade cultural, seja quando sinaliza a perspectiva histórica, sociológica e literária, entre outros, tornando-se um veículo para a disseminação do conhecimento popular (Silva; Silva, 2015, p. 6).

Os camponeses tem lutado para manterem suas raízes. Ou melhor, para que suas raízes históricas resistam e encontrem “solos” adequados, bem como as condições ideais para se fortalecerem e então, seus saberes, acumulados por gerações se desenvolverão, tornar-se-ão “árvores” frondosas que poderão dar suas sombras, frutos e novas sementes. Mas isso é uma tarefa muito difícil, analisando a competição desigual entre o agronegócio e a agricultura familiar.

Essa metáfora traz um pensar sobre a produção, plantios, cultivos e colheitas que somente entenderá aquele que já preparou um solo, plantou uma semente e saboreou o fruto do seu trabalho. A falta de reforma agrária e políticas públicas eficientes também criticadas pelo cordelista Medeiros Braga e enfrentadas constantemente pela agricultura familiar de certa forma acaba moldando as identidades.

A reforma agrária é boa
Pra melhorar a gestão
Dos municípios, estados
E até mesmo da nação
Que não terá as doenças
Causadas por inanição

[...]

(Braga, 2012, p. 15).

O meio transforma a pessoa, muda sua forma de pensar de enfrentar a vida, e nesse processo de transformação, formação humana, consciência de si e do mundo podem ser encontrados muitos aspectos que explicam os novos processos identitários. Gestão melhorada, da nação como um todo completo livre de doenças causadas por inanição, ou seja, pela falta de comida. Quem vive no campo muitas vezes nem percebe como ele é um espaço formador de saberes e de uma cidadania cultural e política, pois nesses territórios se estabelecem conexões de aprendizagens que valorizam as identidades sociais e culturais e a gestão adequada deve se atentar para essa realidade.

O campo apresenta uma sociodiversidade de saberes, povos, culturas, modos de viver, costumes, hábitos, relações de compadrio e vizinhança, laços de amizade e sociabilidades, relações com a terra e o trabalho, que se formam a partir da articulação entre estes povos, da relação com a terra e a luta por ela, moldando um jeito de ser dos povos do campo e seus marcadores sociais, que se constituem em aspectos significativos da construção social da memória do campo pelos povos que nele habitam (Araújo; Neves, 2017, p. 177).

A luta e resistência popular pela terra é um marco na historicidade da sociedade brasileira, a literatura mostra isso por meio de tanta poesia que nos faz pensar e vislumbrar, na sua contextura, ações populares e dos movimentos sociais que lutaram pela terra, pelo direito social e político de pertencimento ao território rural e de suas afirmações étnicas, sociais, políticas, culturais e identitárias, bem como a igualdade de direitos.

WALKER E MEDEIROS: RELAÇÕES CAMPESINAS

Neste capítulo será feita uma análise comparativa de alguns temas que aparecem tanto na obra *Apesar do amor* de Marli Walker quanto nos dois cordéis de Luzimar Medeiros Braga, intitulados *O cordel da Reforma Agrária* e *a Origem da riqueza*. Utiliza-se a literatura comparada como estratégia para se confrontar duas ou mais obras, com base em uma visão específica ou mais ampliada, de um certo ponto de vista, apresentando diferenças e semelhanças de temas em gêneros diferenciados.

Literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes [...], a filosofia, a história, as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (Remak, 1994, p. 175).

A intenção é analisar as obras, com o objetivo de elucidar e fundamentar os juízos de valor expressos por meios dos versos, tanto nos poemas quanto nos cordéis. Carvalho

(2006, p. 7) afirma que o objetivo não é apenas “concluir sobre a natureza dos elementos confrontados mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes. A comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, como um método” a comparação pode ser considerada um recurso analítico interpretativo, promovendo uma exploração adequada dos campos de trabalho.

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente. Por outro lado, a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva) (Carvalho, 2006, p. 8).

O ser humano vive comparando, a Lei da comparação é uma lei universal que todos, conscientes ou não, a usam diariamente. Alguns em benefício próprio, se conscientizado e modificando o que pode ser mudado e outros para auto reprovação e desânimo diante dos problemas e situações que são imutáveis. Por se tratar de um procedimento mental se for usada de forma, adequada pode colaborar com a compreensão da realidade, contribuindo para modificá-la.

Comparando os cordéis de Medeiros Braga e os poemas de Marli Walker, a primeira impressão que se tem é que nos cordéis os assuntos estão expostos de forma clara,

aberta e objetiva, e há uma sequência de informações que se complementam. Cada obra apresenta as estrofes estruturadas da mesma forma, e os conteúdos são explicativos, seguindo uma lógica; as mensagens são repassadas diretamente. A indignação do eu lírico, em cada texto, está explícita e as explicações da realidade exposta são lógicas; é como se fosse um texto didático-histórico em forma poética.

Nos poemas de Marli Walker, a subjetividade é recorrente; para interpretar os versos, há que se ter um pensamento mais reflexivo, muitos sentimentos estão imersos nas entrelinhas da poesia e alguns poemas causam estranhamento. “Essas formas estranhas pelas quais o poético sobrevive em um meio hostil ou surdo não constituem o ser da poesia, mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista” (Candido, 1996, p. 142).

Para compreender o que está sendo dito, é necessária uma leitura mais atenta e um conhecimento prévio sobre as situações apresentadas. Os poemas da autora podem ser compreendidos sob ângulos diferenciados e mexem com a sensibilidade (in)consciente do leitor. Os sentidos figurados são usados naturalmente nos poemas, mas, em vários momentos, os cordéis também apresentam esse recurso estilístico.

O poeta usa as palavras em sentido próprio e em sentido figurado. Mas, tanto num caso quanto noutro, de maneira diferente do que ocorre na linguagem cotidiana. As palavras em sentido próprio são geralmente dirigidas pelo poeta conforme um intuito que desloca o seu sentido geral; as palavras com sentido figurado são usadas

com um senso de pesquisa expressional, de criação, de beleza, explorados sistematicamente, o que lhes confere uma dignidade e um alcance diversos dos que ocorrem na fala diária (Candido, 1996, p. 69).

É bem relevante perceber diferenças ao mesmo tempo que se pode encontrar várias temáticas comuns entre esses dois estilos de obras poéticas: poemas de versos livres e os cordéis sextilhos. Candido afirma que “no nível profundo, a análise de um poema é frequentemente a pesquisa das suas tensões” (Candido, 1984, p. 80). tensões que aparecem a todo instante nas obras selecionadas.

Analisar “os elementos ou significados contraditórios que se opõem, e poderiam até desorganizar o discurso; mas na verdade criam as condições para organizá-lo, por meio de uma unificação dialética” (Candido, 1984, p. 80). Vários temas aparecem e se complementam nas obras analisadas; um deles é a desigualdade. Tanto Marli como Luzimar trazem as contradições do sistema capitalista que demonstra a desigualdade social em vários trechos, como nestes exemplos:

florada

fértil é o chão
generosa a colheita
mais viçosa é a fome do menino

[...]

(Walker, 2016, p. 20).

O Brasil está quebrado,
Falta desenvolvimento,
O desemprego caminha
E faz do homem o fermento
Do processo que resulta
No mundo mais violento

[...]

(Braga, 2007, p. 6).

O eu lírico no poema *florada* traz uma reflexão profunda: a colheita é generosa, porém mais viçosa é a fome do menino; essa contradição que se apresenta no último verso deixa clara a desigualdade instalada no modelo capitalista. Fértil é o chão, generosa a colheita. A personificação da colheita traz essa generosidade em si. Há uma ideia que vai se estabelecendo de adição: fértil, generosa e viçosa e a quebra contraditória, uma descontinuidade. Isso causa um mal estar, já que a imagem da fome normalmente é representada por ressequida, murcha, mirrada. Aqui é apresentada como viçosa.

Já no cordel a questão da desigualdade aparece em forma de denúncia e como um resultado de vários problemas sociais: Brasil quebrado, desemprego, violência e a falta de desenvolvimento. Candido afirma que “a ideologia dominante que dá, hoje, nome e sentido às coisas” a partir do século XX “o estilo capitalista e burguês de viver, pensar e dizer se expande a ponto de dominar a Terra inteira”. A poesia é resistência, “nós vivemos essa “lógica” e nos debatemos no meio das propostas que ela faz”; não é uma tarefa fácil se debater e conseguir promover a conscientização por meio da palavra poética, mas

“na verdade, a resistência também cresceu junto com a “má positividade” do sistema” (Candido, 1996, p. 140).

A fome é outro tema bem recorrente nas obras. No cordel *A origem da riqueza*, o poeta vai compondo a história desde o tempo em que os homens habitavam nas cavernas; o trabalho era um bem natural e com o crescimento das comunidades o alimento passou a ficar escasso causando sofrimento para os habitantes que tiveram que modificar seu modo de produção. Já no poema *fome* o eu lírico vai usando palavras e expressões do dia a dia e mostrando que não é a falta de comida que é o problema, pois a mãe e seus filhos veem a fartura, mas não tem acesso a ela:

[...]

Porém, as comunidades
 iam velozes crescendo
 E a produção desses frutos
 Já não estava atendendo,
 Deixando seus habitantes,
 Por sua falta, sofrendo (Braga, 2012, p. 26).

[...]

fome

miséria pouca é bobagem
 dizia de si para si
 o homem indiferente
 a mãe com sua renca de filhos famintos
 olhava com vagar aquele mar de grãos
 passava ao largo daquela fartura
 daquela comida madura
 com sua renca de filhos da mãe (Walker, 2016, p. 12).

Essa indiferença do homem que não se importa com a miserabilidade dessa mãe e sua renca de filhos, tendo para ele disponível um mar de grãos, fartura e comida madura mostra a maldade e o egoísmo instalados no ser humano; diferentemente da maneira como a fome é apresentada no cordel, aqui o problema não é a quantidade de alimento, mas sim a falta de acesso a ele, já que essa família vive na miséria e as crianças estão famintas. Interessante notar também que, no poema de Walker, a expressão “filhos da mãe” apresenta ambiguidade, pois pode tanto reforçar a condição de filhos na relação com sua mãe, quanto classificá-los pejorativamente como seres sem importância e vis, como se fossem intrusos no mundo aumentando a miséria já crescente, de acordo com determinadas classes sociais mais abastadas que olham com desprezo as classes mais pobres.

Correia *et al.* (2020) afirma que:

O Brasil, hoje, é o terceiro maior produtor de alimentos do mundo e o segundo maior exportador, atrás apenas dos Estados Unidos. E mesmo ao liderar essas produções de larga escala como a soja, o milho e carne, a fome no Brasil tem aumentado. O que suscita as questões: que tipo de ‘alimento’ é produzido? Mercadoria? Para quem? Com que qualidade nutricional? E a que custo? (Correia *et al.*, 2020, p. 2).

Direitos inclusive garantido pela Lei no artigo 6º da Constituição Federal de 1988, modificado pela Emenda Constitucional nº 64/2010: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a

segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (Brasil, 1988). Direitos que não são acessados por todos os brasileiros. Essa indiferença e falta de consciência também se reflete no descuido com o meio ambiente e uso de agrotóxico; nesse tema os autores concordam nos trechos:

lavoura

o alimento ainda verde na lavoura
o menino ainda verde e pequeno
o veneno do homem
no destino dos dois

[...]

(Walker, 2016, p. 14).

Da forma como se encontra
Concentrada a produção,
Com uso de agrotóxicos,
Com transgênicos em ação,
É posta a vida em ameaça
De toda população

[...]

(Braga, 2007, p. 20).

Nota-se que Marli fala que o veneno do homem está interferindo no destino dos dois: tanto do alimento quanto do menino. O veneno do homem é chamado de agrotóxicos pelo eu lírico de Medeiros Braga. O alimento ainda verde na lavoura, já contaminado e concentrada a produção com transgênicos em ação coloca a vida de toda a população em ameaça, interferindo negativamente no destino da sociedade.

A ideia do menino ainda verde pode ser interpretada como estando doente devido ao veneno do homem, e pode-se

também imaginar que não está “maduro” ainda, pois está verde e pequeno, dependente de cuidado. Da mesma forma como a vida de toda a população é posta em risco, o futuro desse menino está ameaçado pelo veneno; nesse trecho do cordel pode ser encontrada a aliteração dos fonemas “m” e “n” que aparecem onze vezes, e do fonema “o” que aparece treze vezes no poema *lavoura* atribuindo um caráter sonoro à poesia.

O ritmo é uma característica dos cordéis. Candido (1996, p. 42) afirma que “Os elementos sonoros estão, no poema, intimamente ligados, e mesmo subordinados ao fenômeno dominante do ritmo, que é justamente uma forma de combinar as sonoridades, não dos fonemas, mas das combinações de fonemas que são as sílabas e os pés”. O ritmo desencadeado pelas sílabas tônicas e junção das palavras na hora da leitura/declamação faz com que apareça “o movimento ondulatório que caracteriza o verso e o distingue de outro: este movimento é o ritmo”.

O menino ainda verde e pequeno lembra um fruto em processo de crescimento, imaturo. Segundo o dicionário Brasileiro de língua portuguesa, maturidade é o “estado ou condição de ter atingido uma forma adulta ou amadurecida”; sendo assim, esse menino ainda verde não tem a “qualidade daquele que, por ter atingido a idade madura, age com reflexão, com bom senso e prudência” esse modo de ver o menino, que por conta do veneno do homem, tem seu destino incerto e também a repetição da palavra ainda remete a uma espera, uma possibilidade de amadurecimento o que, caso

seja concretizada, poderá promover um outro “grau em que as atitudes, a socialização e a estabilidade afetiva de um indivíduo refletem, como característica normal do homem adulto, um estado de adaptação ou ajustamento ao seu próprio meio” (Maturidade, 2022).

Porém, no caso das obras poéticas, com o veneno interferindo no destino dos dois não há garantia de um futuro promissor. Vale ressaltar que no verso de Walker “o veneno do homem” pode tanto se referir ao agrotóxico utilizado para controle de pragas na lavoura quanto ao “veneno” da ganância e do desejo de lucro que se põe acima da saúde das pessoas, envenenando a alma do grande produtor capitalista.

“O Brasil é tido com o maior consumidor desses venenos no planeta, e a cada dia se torna mais dependente deles. Dito isso, questionamos qual o impacto que esse modelo do agronegócio tem sobre a saúde da população brasileira?” principalmente sobre a saúde dos trabalhadores agrícolas? (Araújo; Oliveira, 2017, p. 117). A vida é posta em ameaça, e, no caso aqui, o alarme é ainda maior porque diz respeito a toda a população.

Nesse sentido, todos são atingidos direta ou indiretamente por esse veneno, já que o menino verde pode não chegar a madurar e conseqüentemente finalizar a continuação da vida, a qual deveria ser um valor acima do desejo de lucro. O Art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, *ECA (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990)* garante que se deve “assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes

à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (Brasil, 1990, Lei n. 8.069 - Art. 4º).

Para se contrapor a esse modelo, Braga cita um modelo economicamente mais sustentável:

Os pequenos produtores
Usam a boa adubação
Com sua matéria orgânica
Posta em decomposição,
Ou esterco de galinha
Que mais torna fértil o chão (Braga, 2007, p. 26).

Luzimar diz que os camponeses, mais conscientes, fazem uso de boas adubações, mais naturais, com matéria orgânica que tornam o chão mais fértil. As rimas usadas aparecem nos substantivos: produção, ação, população; na estrofe que fala do modo mais destrutivo de produção agrícola e na estrofe que elogia o pequeno produtor usa “adubação”, “decomposição” e “chão”. As duas estrofes se complementam, usando as mesmas rimas terminadas em “ão”, o que dá uma ideia de reafirmação da continuidade, ajudando a construir o significado de uma sustentabilidade saudável, que promove a continuidade da vida e seus ciclos.

Outro tema que aparece nas obras é o trabalho. Paulo Freire relaciona o trabalho com a transformação do mundo e a criação da cultura humana. Ele afirma que “transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles,

sobre eles se volta, condicionando-os. Isto é o que explica a cultura como produto, capaz ao mesmo tempo de condicionar seu criador” (Freire, 1982, p. 27). No cordel fala do trabalho como prazer, no sentido ontológico, que traz alegria:

Já disse um grande poeta
 Nos acordes da poesia:
 Quando o trabalho é prazer,
 A vida é toda alegria;
 Mas, quando ele é dever,
 É escravidão, elegia (Braga, 2012, p. 4).

cultivo

o plantio
 a chuva
 a espera a espera a espera

a colheita era incerta
 cultivava todavia
 a espera a espera a espera
 o olho estio daquele menino (Walker, 2016, p. 9).

Nos versos dos poemas acima pode-se pensar no trabalho em dois sentidos: no ontológico, quando o trabalho está mais relacionado ao prazer e à alegria, pois faz parte da continuação da vida; faz sentido quando está em conexão com a natureza, quando a chuva e a colheita estão em harmonia, e a espera não é tão penosa, mas um processo natural. E também há o sentido punitivo, quando há incerteza sobre a colheita, quando o trabalho se torna um dever, relacionado à escravidão e elegia, quando se espera e não se tem a certeza de se ver o fruto do seu penoso trabalho, e “o olho estio daquele menino” se enche de apreensão. Tanto a “espera” quanto a lavoura são cultivadas devido ao alto grau de incerteza no contexto do poema de Walker.

De acordo com Vieira (2010, p. 351), o trabalho foi “visto”, “sentido”, “percebido” e “aclamado” sob diferentes enfoques”. Na tradição cristã o trabalho implicava em “visão punitiva a todos os membros da humanidade, um fator de exclusão, exploração social e diminuição do ser humano”. Na sociedade medieval, o caráter penoso do trabalho está associado a um instrumento de tortura chamado, em latim, de *tripalium*. “O trabalho permanece ligado à indignidade social”; já na “sociedade moderna, era cidadão apto a participar da vida política e social aquele que fosse proprietário e não empregado de outrem”. Nesse contexto quem trabalhava estava “à parte dos fatores de decisão do grupo social”; com o passar do tempo os intelectuais foram discutindo novas visões sobre o trabalho e sua função na sociedade.

Com o advento do capitalismo, surgiram os proletariados urbanos, ocorrendo a grande imigração do camponês para a cidade, que passou a servir de mão de obra barata, onde as jornadas de trabalho eram abusivas, de até dezessete horas diárias, e a força de trabalho feminina e infantil, era explorada desumanamente (Gonçalves, 2007). A superexploração do trabalho provocou graves problemas sociais, entre eles epidemias, prostituição, criminalidade, desorganização social e familiar, problemas esses semelhantes aos que permeiam todo o Brasil. Fica evidente essa realidade nestas estrofes de cordel:

Crianças abandonadas,
Tratadas de formas cruas
Feitas são em prostitutas
Maquiadas, quase nuas,
Outras, pivetes que cheiram
Entorpecentes nas ruas (Braga, 2007, p. 15).

As crianças abandonadas e exploradas também aparecem na poética de Marli como o menino desamparado com fome, diante da crueldade e desigualdade. Claro que o problema não é o trabalho em si, mas a forma social de exploração do trabalho no mundo capitalista em que as pessoas são consideradas como meros objetos ou mercadorias, muitas vezes menos valorizadas do que os animais, como aponta o poema *leilão*:

leilão

boi de raça no leilão
menino em leilão na rua
a casta dos dois é uma? (Walker, 2016, 32).

A crítica social evidenciada pelas obras apresentadas mostra a crueldade dos valores do capital, que igualam tanto animal quanto gente na forma de mercadoria. Nesse sentido, o leilão diz respeito aos bens naturais do país oferecidos às empresas transnacionais e multinacionais, resultando em exploração de animais e de crianças. A cultura e tradições estão sendo leiloadas, o povo tem pagado com a perda da biodiversidade, da qualidade de vida, do ar puro, das nascentes dos rios, das sementes crioulas.

Estão leiloando o futuro do país: “menino em leilão na rua”, o boi é de raça mas o menino, igualado ao animal, perde sua condição de potencialidade criativa e de possibilidade de um país construtivo e igualitário. A criança se reduz a algo vil, como um pivete nas ruas, não recebendo o valor devido como seres humanos pela falta de políticas públicas para garantia de

seus direitos, pois a casta dos dois (boi e gente) são reduzidos a uma coisa só.

A obra de Walker traz, portanto, o comprometimento do futuro do país, na medida em que a criança ou o menino representaria esse futuro. A fome, a miséria e a redução da criança à condição de mercadoria colocariam em risco, metonimicamente, a possibilidade de se construir um país mais justo, igualitário, fraterno e saudável, comprometendo, inclusive, o campo enquanto potencialidade produtiva e promotor de riquezas, na medida em que fica na mão de uma elite econômica e política. Nesse sentido, a injustiça seria prorrogada indefinidamente para o futuro do país e das pessoas do campo.

Já a obra de Medeiros Braga também traz essas questões, mas caracteriza de forma mais positiva o pequeno produtor e o camponês, que sofrem com as injustiças sociais promovidas pelo agronegócio, mas resistem com força e otimismo através de movimentos sociais e de lutas pela reforma agrária. Nesse sentido, as obras se complementam, na medida em que a poesia de Walker apresenta o camponês como vítima dos desmandos e da ganância dos poderosos do capital e do agronegócio, enquanto os cordéis de Braga trariam uma visão mais otimista e esperançosa em relação ao pequeno produtor rural e ao campo, pois apresenta a possibilidade de conquista de mais direitos via lutas e resistências através de intervenções de movimentos sociais e de uma reforma agrária.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, M. T. S. **A fenomenologia das águas como símbolo da alma**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras e Língua Portuguesa), Universidade Federal da Paraíba, Guarabira, 2017. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15980>. Acesso em: 20 jun. 2022.

AIDAR, L. A persistência da memória de Salvador Dalí: análise do quadro. *In: CULTURA GENIAL*, 2020. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ALÉSSIO, R. L. S. A representação social da violência na literatura de cordel sobre cangaço. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 24, n. 4, p. 53-50, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TYSfmgDYfW7SvjmYcNVyBxM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2022.

ALMEIDA, O. T. Em busca do conceito de identidade cultural: o caso açoriano como cobaia. *In: SILVA, A. B. (org.). Actas do Congresso do I Centenário da Autonomia dos Açores*. Lisboa: Letras & Letras, 1997. p. 150-165. v. 2.

ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, M. C. **Lutas camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.

- ARAÚJO, I. M. M.; OLIVEIRA, A. G. R. C. Agronegócio e agrotóxicos: impactos à saúde dos trabalhadores agrícolas no nordeste brasileiro. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 117-129, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/Ny5PpLyDMmSjBhNc8CBfKv/?format=pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- ARAÚJO, P. C. A.; NEVES, G. F. No tear da memória, travessias de história da luta do campo no cordel: educar a juventude em direitos humanos. **HOLOS**, [S. l.], v. 3, p. 177, 2017. DOI: 10.15628/holos.2017.5769. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5769>. Acesso em: 6 dez. 2024.
- ARROYO, M.G. Diversidade. *In*: CALDART, R.S. *et al.* (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 231 – 238.
- ASSMANN, J.; Communicative and cultural memory. *In*: ERLI, A.; NÜNNING, A. (ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Tradução de Méri Frotsche. Berlin: De Gruyter, 2008. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642/pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- AZEVEDO, F. A. **As ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1982.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BANDEIRA, M. **O bicho**. 1948. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MzcyNjl5/>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- BASTOS, M. D.; Stedile, M. E.; Bôas, L.V. Indústria cultural, hegemonia e educação. *In*: BASTOS, M. D.; GONÇALVES, F. C. **Comunicação e disputa da hegemonia: a indústria cultural e a reconfiguração do bloco histórico**. Cadernos 3. São Paulo: Outras Expressões, 2015. p. 27 – 40.

- BAUMAN Z. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 1999.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUAINAIN, A. M. *et al.* **Luta pela reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.
- BRAGA, L. M. O cordel da reforma agrária. *In*: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST), 28 nov. 2007. Disponível em: <https://mst.org.br/2007/11/28/o-cordel-da-reforma-agraria/>. Acesso em: 4 abr. 2020.
- BRAGA, L. M. **O cordel da ecologia**. Mossoró: Gráfica e Editora Queima Bucha, 2008.
- BRAGA, L. M. **A origem da riqueza**. 2012. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/medeiros-braga/>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- BRAGA, L. M. **Projeto Cordel**: biografia. s/d. Disponível em: <https://projetocordel.com.br/medeirosbraga/>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 abr. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília-DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 25 abr. 2022.

CABRAL, C. A. **Da perda da consciência identitária camponesa à condição de situação de rua: uma leitura fenomenológica-ontológica merleau-pontyana**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/285?locale=en>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CAMPOS, A. A. C.; PACE, M. J. T. **Convite à poesia**. s/d. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/3conviteapoesia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem: ciência e cultura**. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC, São Paulo. 1972. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5745254/mod_resource/content/1/CANDIDO%2C%20Antonio._A%20literatura%20e%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20homem.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

CANDIDO, A. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. São Paulo: Átila, 1984.

CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, H. M. **Eixo de agroecologia e desenvolvimento dos assentamentos: o camponês, guardião da agrobiodiversidade**. Escolas Livres de Formação. Caderno nº 1 do Residência Agrária-UnB. Matrizes produtivas da vida no campo. Brasília: UnB, 2014. p. 15 -30.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora. Ática, 2000.

CORRÊA, A. L. R. *et al.* Estética e educação do campo: movimentos formativos na área de habilitação em Linguagens da LEdoC. *In*: SÁ, L. M.; MOLINA, M. C. (org.). **Licenciaturas em Educação do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 20 – 35.

CORRÊA, A.; AZEVEDO, J.; Souza, L. Veneno à nossa mesa: o Brasil é o país que mais consome agrotóxicos. *In*: **Ecodebate**, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2020/11/16/veneno-a-nossa-mesa-o-brasil-e-o-pais-que-mais-consome-agrotoxicos/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

COSTA. H. S. Poder e violência no pensamento de Michel Foucault. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 153 -170, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/16152/13404>. Acesso em: 25 jul. 2022.

D'ANGELO, H. Conheça o mulherio das letras, articulação de autoras por igualdade no mercado editorial. *In*: **CULT**, 9 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulherio-das-letras-grupo-nacional-de-autoras-por-igualdade-no-mercado-editorial/>. Acesso em: 2 ago. 2022.

DOURADO, F. Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro. *In*: **IEL**, 23 maio 2013. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>. Acesso em: 8 maio 2022.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Salma Tannus Muchail. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, E. Revolução verde e a fome. *In*: **Mundo Educação**, s/d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/revolucao-verde-fome.htm>. Acesso em: 16 abr. 2022.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103 -133.

HAURÉLIO, M. **Breve história da literatura de cordel**. 2. ed. São Paulo: Claridade, 2016.

JAHN, L. P. **A literatura de cordel no século xxi: novas e velhas linguagens na obra de Klévison Viana**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras com ênfase em Literatura Portuguesa e Luso-Africanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32886/000787302.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 maio 2020.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 29.

LAZZARI, F. M.; SOUZA, A. S. **Revolução verde: impactos sobre os conhecimentos tradicionais**. Santa Maria: UFSM, 2017.

LUYTEN, J. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LEROY, J. P. **Uma chama na Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

- MEGGERS, B. J. **Amazônia**: a ilusão de um paraíso. São Paulo: Itatiaia, 1987.
- MACHADO, L. C. P.; Machado Filho. L. C. P. **Dialética da agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- MARINHO, A. C. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, J. S. *et al.* **Travessias**: estudo de caso sobre a vivência da reforma agrária nos assentamentos. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- MARTINS, J. S. **O cativo da terra**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MATOS, E. Ritmo, corpo, palavra: um poeta da voz viva. **Revista FronteiraZ**, n. 9, p. 30-35, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/12589>. Acesso em: 6 jun. 2020.
- MATOS, L. P. A alegoria da caverna e seu mito hoje. **Revista Pandora Brasil**, n. 34, p. 68-78, 2011. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- MATURIDADE. *In*: RIBEIRO, Débora. **Dicio**: Dicionário Online de Português. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maturidade/>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- MELO, R. A. Artes de cordel: linguagem, poética e estética no contemporâneo. **Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 35, p. 93-102, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018357>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MENESES U. T. B. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 72, p. 225 – 244, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742019000100225#B7. Acesso em: 20 abr. 2022.

MENEZES. P. Alienação na sociologia e filosofia. *In*: TODA MATÉRIA, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/alienacao-na-sociologia-e-filosofia/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MORAES, K. Em um ano, fome chega a mais 14 milhões de brasileiros, e patamar de insegurança alimentar é o pior em duas décadas. **UOL Jornal Digital**. [São Paulo], 2022. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2022/06/15021943-em-um-ano-fome-chega-mais-14-milhoes-de-brasileiros-e-patamar-de-inseguranca-alimentar-se-assemelha-ao-dos-anos-90.html>. Acesso em: 2 ago. 2022.

OLIVEIRA. R. A. C. **Literatura de cordel e identidade cultural: o olhar de alunos do ensino médio integrado ao curso de agropecuária do IFPE, Campus Vitória de Santo Antão**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências e Educação Agrícola) - Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3770>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PERIPOLLI, O. J. **Expansão do capitalismo na Amazônia norte Mato-grossense: a mercantilização da terra e da escola**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16171/000694499.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PORFÍRIO, F. Neoliberalismo. *In*: MUNDO EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/neoliberalismo-1.htm>. Acesso em: 10 fev. 2022.

REMAK, H. H. H. Literatura comparada: definição e função. *In*: COUTINHO, E. F.; Carvalho, T. F. **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 86 – 122.

RODRIGUES, B. S. Estudo dos recursos naturais estratégicos da Amazônia sul-americana: um mapeamento para o desenvolvimento. **AOS - Amazônia, Organização e Sustentabilidade**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 122-144, 2020. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/aos/article/viewFile/2116/pdf>. Acesso em: 2 ago. 2022.

RODRIGUES, L. **Mais uma voz feminina na Academia Mato-Grossense de Letras**. 2021. Disponível em: <https://www.portalrosachoque.com.br/mulher-em-destaque/mais-uma-voz-feminina-na-academia-mato-grossense-de-letas/9942>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SANTOS, J. C. Oficina de literatura de cordel: uma experiência com educadores das escolas rurais no/do campo. *In*: PERIPOLLI, O. J.; NEIDECK, R. M. B.; ZOIA, A. (org.). **Formação continuada**: o diálogo necessário entre a universidade e os educadores do campo. Lajeado: Univates, 2017. p. 20-35.

SILVA, G. F. **Um olhar sobre a dimensão educativa do cordel na geografia escolar**: rimas que encantam, versos que ensinam. Monografia (Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2015. Disponível em: <https://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/GIZELIA%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SILVA, M. I. L.; Silva, J. B. **Educação do campo e saberes campesinos**: a literatura de cordel nas interfaces da interculturalidade. Recife: Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SILVA, P. G. **Folhetarias, poetas resistentes e cordel biográfico**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17127>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SOUZA, E. A. **O poder da fronteira**: hegemonia, conflitos e cultura no Norte de Mato Grosso. 2008. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_SOUZA_Edison_Antonio_de-S.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

SOUZA, M. A. Educação do campo, desigualdades sociais e educacionais. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 745-763, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3QpDmM9tDDh4TWYh5CmmHpB/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.

STEFANIAK, J.N. **Propriedade e função social**: perspectivas do ordenamento jurídico e do MST. Ponta Grossa: UEPG, 2003.

TELES, A. M. O.; REIS JR. O. A escola reprodutora e a ruptura do sujeito. In: SILVA, M. (org.). **Pensamentos pedagógicos e políticas de educação**. Brasília-DF: Faculdade de Educação Universidade de Brasília; Liber Livro. 2013. p. 293 – 300.

TOMAZ, S. Conversando com o maior cordelista do Brasil – Medeiros Braga. **ROTA 232**, 2014. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/11/07/poeta-luzimar-medeiros-braga-identificacao/>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

VIEIRA, E. O trabalho: breve visão da concepção de castigo da antiguidade cristã, valor social afirmado na Encíclica Rerum Novarum no século XIX e despontar no século XXI como valor bioético. **Revista BioETHikos**, v. 4, p. 350-353, 2010. Disponível em: <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/78/Art13.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WALKER, M. **Apesar do amor**. Poemas. Cuiabá: Carline & Caniato, 2016.

SOBRE A AUTORA



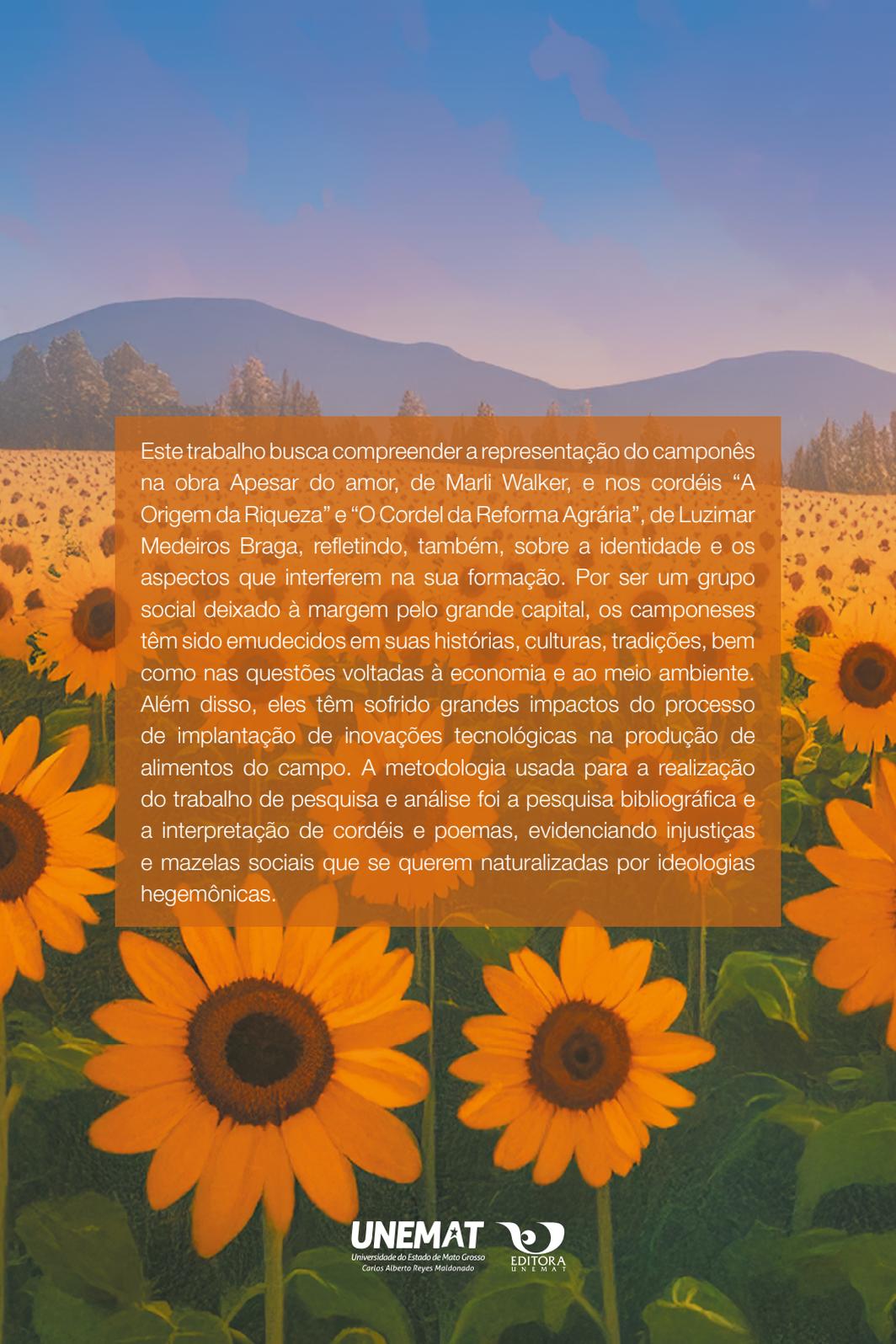
Keyla Morales de Lima

É agricultora familiar, cordelista e educadora. Doutoranda em Educação pelo Programa de pós graduação da UFSCAR (São Carlos - SP). Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Unemat (Sinop - MT). Tem especialização em Neuropsicopedagogia pela

Alfa América, Especialização em Arte, Comunicação e Cultura (Residência Agrária - Matrizes produtivas da vida no campo) pela UnB Universidade de Brasília, é especialista em Docência do Ensino Superior pela FIBMG e fez especialização: Personal Trainer e Educação Física Escolar pela FAVENI. É Licenciada em Linguagem: Educação do Campo /Português/ Espanhol, pela UnB, tem também Licenciatura em Educação Física pela FABRAS, Pedagogia pela FINOM, Artes Visuais pela ETEP - IBRA e Ciências Biológicas pela ETEP - IBRA . Professora desde 2009 da educação básica na rede pública de Mato Grosso, lecionando em várias disciplinas. Sempre participando de vários projetos de formação humana e desenvolvimento social.

E-mail: kmoralesdelima@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1127650219205067>



Este trabalho busca compreender a representação do camponês na obra *Apesar do amor*, de Marli Walker, e nos cordéis “A Origem da Riqueza” e “O Cordel da Reforma Agrária”, de Luzimar Medeiros Braga, refletindo, também, sobre a identidade e os aspectos que interferem na sua formação. Por ser um grupo social deixado à margem pelo grande capital, os camponeses têm sido emudecidos em suas histórias, culturas, tradições, bem como nas questões voltadas à economia e ao meio ambiente. Além disso, eles têm sofrido grandes impactos do processo de implantação de inovações tecnológicas na produção de alimentos do campo. A metodologia usada para a realização do trabalho de pesquisa e análise foi a pesquisa bibliográfica e a interpretação de cordéis e poemas, evidenciando injustiças e mazelas sociais que se querem naturalizadas por ideologias hegemônicas.